

UMBERTO FABBRI  
PIETRO

SACRIFÍCIO  
*por*  
**amor**

  
MasterBooks

UMBERTO FABBRI  
PIETRO

SACRIFÍCIO  
*por*  
**amor**







UMBERTO FABBRI  
PIETRO

SACRIFÍCIO  
*por*  
**amor**

  
MasterBooks



**MasterBooks**

sacrifício por amor

An imprint of MasterBooks

6136 NW 53rd Circle, Coral Springs, FL 33067

Email: [Masterbooks@masterbooksus.com](mailto:Masterbooks@masterbooksus.com)

[Contact@masterbooksus.com](mailto:Contact@masterbooksus.com)

sacrifício por amor

Copyright © 2018 MasterBooks

All rights reserved. Except for brief quotations in critical articles or reviews. No part of this book may be reproduced in any manner without prior written permission from the author.

International Cataloguing Information in Publication

sacrifício por amor/ Umberto Fabbri Florida – US

For information about bulk discounts or to purchase copies of this book, please contact MasterBooks at 954-850-2129 or [contact@masterbooksus.com](mailto:contact@masterbooksus.com)

Cover by André Stenico

Revision by Cássia Anselmo and Gisele Montilha

E-book version: [publicarmeulivro.com.br](http://publicarmeulivro.com.br)

## PREFÁCIO

Quantas vezes nos defrontamos com situações que verdadeiramente nos surpreendem? Nesta minha narrativa, exponho acontecimentos relacionados a fatos que ocorreram há aproximadamente sete séculos.

Que esse período que menciono não seja, para o leitor amigo, o ponto central de sua surpresa, posto que poderíamos nos perguntar: o que é o tempo? Como mensurar, diante dele, sentimentos e emoções? Estariam nossas existências marcadas indelevelmente por uma medida que convencionamos para gerir os nossos dias, meses e anos?

Sabemos que cada um de nós tem a sua história marcada por acertos e desacertos diante das criaturas com as quais nos relacionamos, seja qual for a dimensão em que nos encontramos. Sabemos, ademais, o quão responsáveis somos pelos pensamentos e ações a essas criaturas dirigidos, todos eles passando a ser o patrimônio que nos pertence, na condição única de sermos herdeiros de nós mesmos.

Exatamente por isso é que encontramos a recomendação de Jesus em relação a solvermos as nossas pendências, perdando e pedindo perdão dos deslizes cometidos pelo simples fato de ainda nos desconhecermos, por estarmos na posição de espíritos em evolução.

Espero, pois, sinceramente, que este singelo relato das minhas experiências possa lhe servir como um alerta quanto à construção dos nossos relacionamentos. Que estes não estejam pura e tão somente atendendo aos nossos interesses imediatistas. Que tenhamos, em vez disso, o cuidado de observarmos que somos todos irmãos e, como tal, nossas ações podem e devem se fazer fraternal. Tenhamos a certeza de que, ao adotarmos conscientemente essa postura, agiremos conforme, ou o mais próximo possível, do segundo maior mandamento ensinado pelo Cristo: amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Pietro

# CAPÍTULO I

## POR DIREITO

Passava o ano de 1247, próximo às comemorações da Páscoa do Nosso Senhor, quando se iniciou o embate entre a minha família e a do nosso vizinho. Tudo acontecia por entendermos que a parte da gleba que os nossos avós haviam cedido e combinado com os seus antepassados não havia sido um bom negócio para nós, os herdeiros. Ademais, meu avô paterno tinha, na verdade, emprestado um bom pedaço de terra e não vendido para o vizinho, para que ele pudesse expandir o cultivo das videiras. Em se tratando de uma gleba altamente produtiva, decidi que já havia passado da hora de solucionar aquela questão do empréstimo.

Inicialmente, solicitei o retorno do terreno, ao que fui contemplado com uma oferta de aluguel ou mesmo da compra daquela parte da minha propriedade. Contudo, ambas as propostas não me interessaram, uma vez que, com a reintegração daquela área, eu poderia também me apoderar das videiras altamente produtivas, as quais, no final, me pertenciam por direito, segundo a minha opinião.

Além da produtividade de toda a propriedade dele que, como eu disse, era altíssima, os lucros com a comercialização do vinho aumentavam-lhe a riqueza. Sendo assim, eu retomando a gleba que me pertencia, poderia inclusive aumentar a minha capacidade de enfrentar a concorrência com a qualidade que as videiras apresentavam.

Ora, ver parte do meu patrimônio sendo usado sem qualquer ganho efetivo corroía-me o íntimo. Por isso, a partir daquele momento, eu não admitiria que essa situação continuasse, pouco me importando que o acordo envolvendo a terra tivesse sido realizado entre cavaleiros; até porque o centro da Itália era conhecido por ter grande capacidade de produção de vinho. Assim, ele que fosse buscar novas terras! O ouro já garantido até então enchia-lhe os cofres; com isso, ele poderia muito bem comprar o que quisesse.

Giuseppe, como se chamava o proprietário vizinho, relutava na devolução, mas, diante da pressão que eu exerci, finalmente ele acabou cedendo. Não, porém,

sem um desaforo. Este, dirigido a mim e à minha família, foi de um absurdo sem conta!

Com efeito, o miserável fez o favor de me devolver a terra em sua condição original, ou seja, sem que uma videira qualquer continuasse plantada. Tal situação eu não pude suportar, posto que afetava o meu orgulho. Assim, estimulando os meus filhos e o séquito de soldados que mantínhamos à guisa de proteção, não tivemos dúvidas em sacarmos as armas e nos colocarmos em campo para a batalha.

O confronto foi inicialmente respondido a altura pelo meu competidor, com perdas de ambos os lados, incluindo o meu filho mais velho, que pereceu logo no primeiro dia de luta. Fora alvejado por uma flecha certa, atingindo-o exatamente na viseira do capacete, o que o levou à morte instantânea.

Apesar de estar habituado, nas diversas disputas entre feudos ou reinos, a combater e ver amigos ou alguns parentes perecerem ao meu lado, a morte do meu querido Pietro, nome dado em homenagem ao santo, explodiu em mim um ódio avassalador, servindo, a partir de então, de pretexto para a vingança. Intensifiquei, pois, a luta, contratando mercenários, verdadeiros lobos sanguinários, ao mesmo tempo em que comprava, a peso de ouro, alguns dos soldados do meu vizinho, que o traíam.

Giuseppe não resistiu, assim, muito tempo à pressão, sendo batido em poucas semanas de luta. Quando se rendeu, depois que os seus recursos em homens e armas já haviam praticamente chegado à exaustão, enclausurados que se encontravam em sua cidadela, mandei meus homens passarem a fio de espada todos que lá se encontravam.

Como o miserável se entregou pedindo clemência, o que não atendi, logicamente, ordenei que todas as execuções fossem realizadas na sua frente, não importando a idade ou o sexo dos indivíduos. Apenas reservei para mim os membros de sua família, os quais, após o banho de sangue dos demais, executei com requintes de crueldade.

Enfim, encerrada a disputa, eu não só me encontrava de posse da minha parte das terras, mas também da propriedade conquistada. Quanto aos outros nobres e o rei, a desculpa que utilizei para legitimar a reintegração veio bem a calhar: a invasão que o vizinho havia realizado. Como poucos conheciam o acordo dos

nossos avós, o qual fora realizado sem qualquer registro, a razão e o direito estavam, pois, do meu lado.

Em pouco tempo, toda a produção das minhas terras e daquelas que eu havia conquistado traziam resultados enormes para os meus cofres. Com esse ouro, aliás, eu calei a boca de nobres e de bajuladores do rei Frederico II, o monarca da época.

## CAPÍTULO II

## ESTRANHOS ESPETÁCULOS

*Tempos depois...*

Como Deus pode existir, se não conheço sequer um minuto de paz junto à minha esposa e aos meus quatro filhos, a família que tanto amo?

Meu filho mais velho, com 27 anos apenas, estava literalmente sendo consumido por um câncer metastático a lhe torturar cruelmente de maneira gradativa e rotineira, levando-o, cada dia, mais próximo da morte.

Por sua vez, as duas meninas, minhas gêmeas queridas, adolescentes ainda, passaram a apresentar distúrbios psiquiátricos adiantados, ao passo que o caçula, meu tesouro, parecia que estava indo para o mesmo caminho do irmão mais velho, porque suas indisposições intestinais, apresentadas a princípio, foram, na verdade, diagnosticadas como fruto de um tumor maligno.

Os recursos financeiros seriam o suficiente para arcar com o nosso estilo de vida e com aqueles custos voltados para a saúde. Para que servia, então, todo o patrimônio herdado diante de tanta infelicidade?

Tínhamos, até então, uma vida perfeita. Éramos alvos de comentários de amigos, os quais diziam, com regularidade, que o casal Pietro e Isabel viviam como duas criaturas felizes e abençoadas, tal como num conto de fadas. Apesar dos exageros, havia de fato vários pontos verdadeiros nisso, até o dia em que o nosso primogênito nasceu.

Recordo-me que, tão logo a minha amada esposa retornou para o nosso lar, envolta nas mais queridas vibrações e abrigada em esperanças e sonhos, algumas ocorrências estranhas tiveram início. Ruídos inexplicáveis durante a noite, a princípio no quarto do nosso bebê, eram percebidos em todos os ambientes da nossa casa.

Apesar de contarmos com a assistência dos profissionais altamente especializados da empresa construtora para descobrir o problema na edificação, que fora recentemente entregue em bairro nobre da nossa cidade, nada de

anormal fora encontrado em relação à estrutura do prédio. E não poderia mesmo, porque eu não havia poupado recursos para colocar em casa o que havia de melhor em todos os sentidos. A decoração fora também primorosa, com arquitetos altamente recomendados, de fama reconhecida, trabalhando em nosso favor.

Após as vistorias realizadas, passei a acreditar em alguma brincadeira de mau gosto de jovens desocupados. Pensando assim, contratei seguranças que, apesar da vigilância, nunca localizaram criatura alguma que sequer passasse próximo à propriedade.

No entanto, os ruídos surdos continuavam, ora com sons produzidos dentro da madeira de alguns móveis ora parecendo vir do interior das paredes. Com o passar do tempo, fomos nos acostumando, não dando maior importância às ocorrências, que foram gradativamente desaparecendo até que as gêmeas nasceram.

A partir desse instante, não apenas os barulhos retornaram, mas foram também intensificados, com objetos que iam ao chão e geralmente se espatifavam sem qualquer relação com correntes de ar, movimentos no terreno ou outro efeito natural. Tão logo nos acomodávamos para o repouso rotineiro, o espetáculo começava. Aos poucos, fui me convencendo de que o problema de fato era o terreno; eu não achava mais qualquer outro ponto relevante que explicasse tudo aquilo.

Alguns conhecidos chegaram a mencionar crendices e misticismo, dizendo que o local poderia ser assombrado com as besteiras de espíritos. Obviamente, achei tudo aquilo uma rematada bobagem de mentes desocupadas e iludidas com histórias de fantasmas ou outros apontamentos que me soavam simplesmente ridículos.

Diante do quadro que não se alterava, decidimos nos mudar dali, apesar de adorarmos a casa, seu estilo, a decoração e a sua localização privilegiada. Com a mudança, preferimos inclusive uma nova decoração, decidindo não levar a maioria dos objetos da casa anterior. E pareceu-nos que havíamos acertado na decisão, porque os ruídos não retornaram até o nascimento do nosso caçula.

Observávamos algo não rotineiro e sem muita frequência, mas, à medida que os nossos filhos foram crescendo, os estampidos voltaram. Estavam, agora,

associados a um verdadeiro festival de horror, em que objetos eram quebrados e às vezes arremessados na minha direção ou na dos meus filhos. Isabel era a única pessoa um pouco mais poupada, ficando, contudo, perturbada com os ruídos durante a noite, tal como todos nós.

Apesar de não estarmos vinculados a religião alguma, um dos nossos vizinhos tomou a iniciativa de trazer um sacerdote até o nosso lar. Ele fez os procedimentos que a sua doutrina recomendava, o que nos trouxe certo alívio por alguns dias.

Decidimos, então, diante da nossa total incompetência em lidar com aqueles fatos inusitados, realizar a nossa terceira mudança, tomando os mesmos cuidados que da vez anterior em relação à decoração e aos objetos. Foi outra decepção... Aquele show infeliz teve início em poucas semanas.

A única paz possível se dava no meu escritório, num prédio comercial no centro da cidade, de onde administrava os inúmeros imóveis os quais faziam parte do pacote herdado dos meus pais.

Mesmo assim, a minha produção era pífia, pois as noites mal dormidas me extenuavam as forças. Meu sistema imunológico, destrambelhado pelo estresse, fazia-me experienciar uma sucessão de gripes, períodos de revés com o vírus oportunista do herpes, entre outras indisposições e desconfortos.

Confesso que, em muitos instantes, a ideia da morte me visitava, no sentido sempre de me aliviar daquele suplício sem fim.

## CAPÍTULO III

## PESADELLOS AMEAÇADORES

Eu administrara, com Isabel, os problemas dos sonhos e pesadelos dos nossos filhos, cuja regularidade se tornara excessiva desde a primeira infância, um problema para o qual a medicina não encontrava qualquer explicação. Também a psiquiatria ou outra terapêutica não apresentavam soluções suficientes em seus postulados, aliado, ainda, ao nosso puro preconceito bem como da sociedade com a qual nos relacionávamos, que não aceitava qualquer assistência não comprovada pela ciência oficial.

Todavia, exatamente eu, Pietro, também passei a vivenciar pesadelos horríveis, apesar de as minhas noites, até então, terem sido completamente neutras em matéria de sonhos; até porque, para mim, o repouso, quando possível, diante daquele inferno de sons e quebradeiras, era um total desligamento do meu cérebro. Recordações dos sonhos ou de qualquer outro episódio onírico nunca aconteciam para mim.

No entanto, com a enfermidade das gêmeas, algo de inusitado passou a ocorrer. Algumas criaturas, com características demoníacas umas e deformadas outras, sempre trajando vestimentas que me pareciam ser do século XIII, surgiam-me em pesadelos, com posturas acusatórias; uma verdadeira promotoria infernal. Via-me sempre no centro de um anfiteatro cercado por aqueles estranhos personagens, que me acusavam de assassino vulgar, informando-me que os demais componentes da minha família, com exceção da Isabel, eram tão ou mais culpados que eu. Diziam serem vítimas da minha crueldade, mas que haviam nos encontrado e fariam justiça, cobrando cada gota de sangue derramado. O sofrimento em que viviam seria dividido conosco, informavam; comunicavam-me, ainda, que nós, ou seja, o meu grupo familiar, tivera muita sorte, porque muitos daqueles que padeceram por nossa crueldade haviam desistido do processo, o que não era o caso deles, cuja perseverança tinha sido compensada.

Eu lhes pedia clemência, que poupassem meus filhos; contudo, tão logo procedia dessa maneira, as gargalhadas soavam estridentes, vindo alguém na minha direção para tentar me esganar, o que fazia com que o meu despertar ocorresse sentindo ainda suas mãos fortes e calejadas no meu pescoço. A

situação era de um horror tamanho que eu acordava aos gritos, com o corpo empapado de suor, como se estivesse de fato diante de uma morte trágica.

Em algumas oportunidades, nessas experiências oníricas infernais, um dos componentes daquele grupo, cujas características lhe atribuíam a posição de chefe, informava-me aos brados:

– Maldito seja você e todos os que estão debaixo deste teto! Miseráveis assassinos são todos eles, cuja semelhança contigo, em matéria de crueldade, os coloca na mesma posição que a tua! Por isso, serão todos também justificados de acordo. Saiba que esperamos muito tempo para que parte do teu séquito estivesse reunido, a fim de pegá-los todos de uma vez. Agora que estão todos juntos, aplicaremos os corretivos adequados. De nada adiantará as tuas súplicas em favor de quem quer que seja, pois agiremos da mesma forma que você agiu conosco: não poupando qualquer um!

No meu desespero diante daquele juiz implacável, pois era assim que me parecia, suplicava pelos meus filhos e, não sei por que razão especial, pelo meu caçula.

Ele dava de ombros aos meus pedidos e completava dizendo:

– Escute aqui, seu genocida e usurpador vulgar, você não poupou sequer os bebês da minha casa. Acha mesmo que, por acaso, agirei de forma diferente com a tua família?

O teu ouro comprou consciências completamente venais, fazendo com que não o levassem diante da corte e não o colocassem em condição embaraçosa frente ao rei. Mas, agora, não existe recurso! Nenhuma moeda corrente poderá salvar a tua pele das torturas que implantaremos na tua miserável existência e na da tua “amada” família. O que vocês passaram até o momento é brincadeira de criança comparado àquilo que os aguarda. Você não perde por esperar, víbora peçonhenta!

## CAPÍTULO IV

## NADA A PERDER

Não demorou para que eu constatasse alguma das maldições que aquela espécie de demônio me lançou em sonhos, apesar de achar que tudo aquilo que eu passava em relação aos meus pesadelos fosse coisa de uma mente perturbada com tantos problemas junto à minha família.

O estado de saúde do meu filho mais velho declinou com tamanha rapidez que, em poucas semanas, estávamos inconformados diante do quadro da sua morte. Esta, com efeito, terminara por despedaçar o meu e o coração da Isabel.

Inúmeras vezes a ideia do suicídio me ocorreu diante do corpo inerte do meu primogênito; contudo, as gêmeas e o caçula, o qual apresentava enfermidade semelhante à do meu mais velho que acabáramos de sepultar, me deram coragem e forças suficientes para continuar na luta diária.

Amigos, alguns conhecidos e funcionários, incluindo, ainda, pessoas distantes, procuravam nos trazer um pouco de consolo diante da condição devastada que tanto eu quanto a Isabel apresentávamos. Entretanto, os argumentos, via de regra, ficavam calcados na bondade e na justiça divina, sem que pudessem responder aos meus sinceros apelos com mais racionalidade, fora de colocações, para mim, próximas da infantilidade de um Deus justo para eles e tremendamente injusto para comigo.

No tocante àqueles sinistros ruídos e quebradeiras, que, aliás, haviam dado certa trégua durante os últimos dias de vida do meu primogênito, chegamos a ouvir de uma senhora conhecida de Isabel as rematadas besteiras segundo as quais tudo o que ocorria conosco, o desconforto no lar e a enfermidade dos meus filhos, nada mais era do que obra do demônio, que procurava infelicitar a vida daqueles que não eram tementes a Deus. Honestamente, não sei como mantive o bom senso e a educação, não a expulsando de casa ao ouvir asneiras tão gritantes diante da nossa completa infelicidade.

Não tardou, também, para que os desentendimentos entre mim e Isabel começassem a ocorrer, em razão do meu estado alterado de humor. Para não

piorar a situação entre nós, tive de recorrer aos facultativos passando a utilizar uma medicação conveniente, no intuito de me acalmar frente a tantos problemas.

Ocorre que, diante de tudo aquilo que nós experimentávamos, considerando uma expressão comum, se algo estivesse ruim, caso houvesse uma pequena chance, isso viria a piorar.

Eis, pois, que, apesar dos fármacos anestésicos que eu tomava para dormir, pela manhã, quando os efeitos estavam reduzidos, as imagens retornavam em pesadelos rápidos, porém, com feições cada vez mais cruéis. Uma semana exata após o passamento do meu filho, aquela criatura horrível de feições demoníacas, com ares de mandante, apareceu-me gargalhando sob a minha desdita e dizendo:

– O teu queridinho primogênito já se encontra sob as nossas garras. Saiba que o estamos supliciando como ele bem merece. Estou lhe informando isso para que você constate que a minha promessa de fazê-lo sofrer através dos teus cúmplices, os quais se encontram contigo na condição de filhos, está sendo cumprida à risca!

Logo traremos também o teu caçula, em quem estamos, no momento, aplicando todos os recursos para lhe agravar a enfermidade que lhe corrói gradativamente. Por conta disso, aliás, evitaremos o dispêndio energético com a produção de ruídos e quebradeiras na tua casa. Dessa forma, conseguimos nos aplicar diligentemente na tarefa enfermeira, sendo possível trazer o teu queridinho para a nossa banda no menor prazo possível.

Mas não pense, com isso, que a tua vida medíocre será menos complicada, pois saberemos administrar as situações de modo que a tua tortura se proceda regularmente. Uma situação não substitui a outra de maneira efetiva, já que utilizaremos outras técnicas para perturbá-lo devidamente.

Recordo que me ajoelhei diante daquele misto de demônio e ser humano para rogar-lhe por misericórdia, mas fui tão violentamente espancado que despertei daquele pesadelo sentindo dores pelo corpo, como se tudo que tinha sido dito e feito por aquele sujeito infernal fosse real.

Sendo isso ou não o estado da minha mente perturbada, o fato é que o maldito ser passou a cumprir a sua promessa, o que levou a me sentir completamente culpado. Agora, eu acreditava piamente que tudo o que ocorria só poderia ser explicado pelas minhas projeções mentais em torno da minha família,

principalmente dos meus filhos.

Os ruídos e objetos quebrados pararam como que por encanto. Mas as minhas noites e as de Isabel eram mal dormidas, em virtude de as gêmeas, ora uma ora a outra, despertarem aos gritos, colocando a casa em polvorosa, tamanho o terror demonstrado naqueles minutos que pareciam intermináveis.

Estava próximo da derrota, quando um dos meus funcionários, pessoa muito religiosa, me acenou com a oportunidade de falar com um sacerdote da sua paróquia. Naquela altura dos acontecimentos, apesar de ser um ateu convicto, passei a não mais desprezar qualquer ajuda, mesmo que, para mim, muitas delas, ou por que não dizer, a maioria das que apareciam ligadas a religiões ou seitas, serem total perda de tempo e, geralmente, também de dinheiro. Aliás, neste particular, dinheiro, é claro que eu me referia sempre aos seus postulantes, os quais me apareciam com a desculpa absurda de que Deus sempre é um devedor e nos compensará em dobro. Mesmo assim, pensava, sinceramente, o que mais eu tinha a perder?

## CAPÍTULO V

## REVOLTA SEM FIM

Foi inimaginável a força que eu fiz quando recebi, na minha sala de estar, aquelas duas figuras simplórias: a do meu funcionário e a do clérigo da sua paróquia. Sentia-me realmente muito próximo da derrota; no entanto, diante de tudo o que eu já havia passado e estava passando, precisava arrumar forças para continuar na luta junto à minha família. Como conseguir, porém, tendo aquela situação à minha frente? Aquilo era demasiado ridículo!

O pobre do sacerdote, com suas vestes correspondendo à sua condição enquanto pessoa – simples – e sotaque italiano bastante carregado, iniciou com os cumprimentos normais. Logo em seguida, partiu para a visão de sua religião com relação aos fatos bem como para as providências a serem tomadas quanto aos supostos demônios que infernizavam a minha vida. Notei que ainda me sobravam forças, posto que eu não os coloquei porta a fora. Na verdade, somente não o fiz, porque um misto de comiseração e compreensão me impediu de levar o intento adiante.

Ouvi, pois, as recomendações do sacerdote e, em seguida, também o acompanhei em uma de suas tantas preces. Para mim, aquilo nada acrescentava, achando tudo uma tremenda pobreza intelectual e completo desprovimento de bom senso, aliado, ainda, à perda do meu precioso tempo.

Tal como eles entraram em casa, saíram sem alterar minha maneira de pensar. Conteí apenas com a felicidade de a Isabel não estar presente, a fim de não se impressionar ainda mais com aquele verdadeiro festival de asneiras, o qual, via de regra, servia muito bem para manter boa parte da população iludida diante de suas dificuldades e necessidades, aliás, nunca atendidas pelos mandantes de plantão.

Desnecessário é, pois, dizer que a minha realidade não foi alterada em coisa alguma absolutamente com aquele teatrinho ridículo junto ao tal clérigo. Mas não tardou para que o segundo grande golpe ocorresse dentro do nosso lar. Em questão de dias, o nosso caçula se mostrou abatido de tal maneira, após a aplicação quimioterápica do dia, que nos assombrou consideravelmente.

Imediatamente chamamos o nosso médico particular que, após análises mais detalhadas, não acusou qualquer distúrbio de monta, informando-nos, apenas, que a indisposição se mostrava dentro do quadro esperado para os procedimentos que estavam sendo aplicados.

A infelicidade, contudo, bateria com estrondo à nossa porta. Na manhã seguinte, quando a Isabel foi ao seu quarto para ver como ele estava se sentindo, encontrou-o com a cor cadavérica implantada na face. O nosso menino tinha falecido durante a madrugada sem que pudéssemos fazer coisa alguma, sequer estar ao seu lado naquele momento tão crucial para todos nós.

Novamente a injustiça da vida, segundo entendia, apresentava a sua conta trágica e impiedosa para nós, que poderíamos ter ofertado tudo de melhor para os nossos dois garotos e futuros herdeiros dos negócios. Restava-nos, então, somente a saudade mortal daqueles dois corações muito amados e perdidos para sempre, além da revolta, que se implantara em mim agora mais profunda, com aquele segundo grande golpe que acabava de sofrer.

Novamente ideias de desistência da vida me assaltaram; todavia, eu daria o troco para ela, pensava, não desistindo da luta. Pensava assim apesar de ver minhas duas meninas verdadeiramente anestesiadas pelas medicações psiquiátricas, a tal ponto que as gêmeas tinham suas emoções praticamente suprimidas. Diante do corpo inerte do irmão, por exemplo, quase não derramaram uma lágrima sequer. Na verdade, elas só não tinham sido internadas ainda, porque os custos todos do tratamento, incluindo acompanhantes e enfermeiras particulares, eram devidamente sustentados por nossos recursos.

Ao mesmo tempo, diante da nossa total incompetência para alterarmos aqueles quadros, tanto eu quanto a minha esposa envelhecíamos a olhos vistos perante o sofrimento que se abatera de maneira tão cruel e em sequência. Contávamos tão somente com a insistência na vida para dar seguimento às tentativas de recuperação do equilíbrio das nossas meninas. Tal situação, porém, víamos com grande ceticismo, já que seu quadro não se alterava em aspecto algum, muito pelo contrário: o aprofundamento da enfermidade se dava dia após dia.

Não demorou para a tortura dos meus pesadelos retornar. Foi o tempo apenas de uma quinzena após a partida do meu caçula. A presença se fazia clara, nos meus momentos oníricos, daquele verdadeiro demônio criado pela minha revolta diante de tanta dor e injustiça que a vida me promovia.

Certa noite, ele me apareceu, com o seu estilo zombeteiro, olhando-me profundamente nos olhos. Destilando, então, todo o seu ódio, disse-me em tom de informação:

– Você está apreciando os presentes que estamos lhe dando em caráter de rotina? Gostaria de lhe informar que não terminamos o serviço com você; em vez disso, os desdobramentos que se fazem necessários, e que, obviamente, são justos, continuarão sem qualquer interrupção.

Conforme disse anteriormente, estamos envidando todos os nossos esforços para eliminar do teu convívio as criaturas do teu relacionamento, até que você mesmo retorne para o nosso convívio, rastejando como uma víbora, e, dessa maneira, possamos dar continuidade ao nosso processo de vingança, miserável assassino.

A propósito, o teu queridinho caçula já se encontra em nosso poder. Daremos a ele o tratamento todo especial que reservamos para a tua família como um todo.

Uma força inimaginável apossou-se de mim naquele trágico momento dos meus pesadelos e avancei contra aquela figura querendo destroçá-la. Contudo, fui subitamente impedido por alguns dos seus comparsas, os quais se demonstravam criaturas tão cruéis quanto o meu interlocutor.

Despertei como um fugitivo vulgar, procurando, no corpo, me refugiar daqueles estranhos seres que, na minha opinião, nada mais eram do que fruto da minha imaginação superexcitada e eivada de uma revolta sem fim.

## CAPÍTULO VI

## MAR DE INFELICIDADES

As promessas continuavam a ser rigorosamente cumpridas por aqueles seres oníricos, uma vez que, em pouco tempo, as minhas duas garotas começaram a se manifestar de forma cada vez mais estranha para o dito comportamento normal, apesar da terapia e dos medicamentos que lhes eram ministrados em caráter regular.

Passaram a falar, na maioria do tempo, frases ou palavras desconexas, mas sempre eivadas de algumas ameaças. O tom de voz era alterado nessas ocasiões, passando para algo rouquenho e masculinizado, como se fossem verdadeiras intérpretes de um gênio qualquer voltado, logicamente, para o mal.

Por sua vez, a relação com a minha querida Isabel começou a se deteriorar à medida que o quadro das gêmeas apresentava maiores complicações. Estressados como nos encontrávamos, o relacionamento piorou especialmente com a minha decisão de interná-las, uma posição literalmente contrária à da minha esposa.

Isabel insistia em experimentar, como último recurso, algum tratamento religioso ou espiritual, conforme a sugestão que recebera de uma de suas amigas que nos visitaram. Visavam elas a trazer um pouco de consolo para o mar de desgraças em que estávamos afundados.

No entanto, minha posição era a de total irredutibilidade, escorada que se encontrava no meu ateísmo feroz e nas indicações do psiquiatra que atendia as duas garotas, cuja orientação se fundamentava em sua formação freudiana. Era ele, pois, completamente avesso às questões consideradas místicas. Assim, apesar dos apelos insistentes da minha esposa, ela terminou sendo vencida pela pressão que eu realizava com regularidade, apoiado que estava pelas orientações do terapeuta e do facultativo que nos atendiam particularmente.

A separação das duas meninas foi bastante cruel para nós. Era como se elas também estivessem sendo sepultadas, desaparecendo do nosso convívio para sempre, apesar das visitas que poderíamos lhes fazer com regularidade. No meu caso particular, eu me encontrava tão revoltado com as provas que a vida me

reservava que era incapaz de derramar uma lágrima sequer.

Isabel, por sua vez, mãe zelosa como sempre fora, não mais suportou a desagregação da nossa família e a minha completa apatia frente ao nosso relacionamento. Assim, em questão de dias após a internação das garotas, tomou a decisão de se mudar para a casa dos seus pais, informando-me que muito provavelmente essa atitude terminaria se materializando num pedido de divórcio.

Com efeito, os meus sonhos de uma vida repleta de felicidades ao lado da esposa e dos filhos encontravam-se simplesmente destruídos em questão de pouco mais de cinco anos, desde que aquele inferno dos ruídos em casa havia iniciado.

Eu maldizia e culpava a tudo e a todos, principalmente quando os negócios começaram a dar sinais negativos frente aos resultados anteriores, por conta do meu total desequilíbrio diante de clientes e de fornecedores. Estes, a princípio, entendiam o meu estado de humor, sempre alterado; contudo, com o passar do tempo, para uma boa relação comercial aquela minha postura se tornou completamente inadequada.

Nesse ínterim, aquelas figuras estranhas haviam desaparecido dos meus sonhos e pesadelos, dando-me uma espécie de trégua. Todavia, isso não durou muito, porque, com a piora da minha saúde, que começou a se debilitar dado o meu estado mental, o qual se desequilibrava gradativamente, recebi certa noite a visita daquele maldito mandante.

Não poderia afirmar com certeza absoluta se estava de fato sonhando ou se divisava aquela criatura infernal ao vivo e em cores dentro do meu quarto, quando ele se apresentou, com o seu sorriso sarcástico, dizendo:

– Está contente agora? Caso não esteja, gostaria de lhe dizer que, da nossa parte, estamos muito felizes por estarmos próximos da finalização do nosso projeto envolvendo você. Esse projeto consiste, justamente, em destruir tudo aquilo que lhe pertence, a começar pela tua família, estendendo, obviamente, para os teus negócios, tal como você fez conosco, quando da tua sanha incontrolável de nos tomar tudo que tínhamos. Em breve, quando estará definitivamente em nosso poder, faremos você rastejar como uma víbora, aliás, uma condição que lhe vem bem calhar!

Recordo-me que ajoelhei à sua frente pedindo por clemência, sem, no entanto, ser absolutamente atendido. Em vez disso, a minha atitude pareceu ter

fortalecido a disposição daquela criatura de me torturar mais profundamente, principalmente quando se referiu à Isabel, dizendo que a afastara de mim por ser ela a única pessoa que poderia amenizar a minha desdita.

Revoltei-me e essa postura me custou agressões violentas, fazendo-me despertar do pesadelo. Ou, talvez, eu já estivesse desperto, não saberia ao certo. O fato é que, tendo dito aquilo, a imagem daquele ser infernal desapareceu da minha frente.

Comecei a achar que deveria consultar o psiquiatra que atendia as minhas filhas, pois desconfiava que muito provavelmente eu estava passando por surtos esquizofrênicos. Considerei que, seguramente, uma medicação precisa poderia minorar aqueles efeitos tão absurdos.

## CAPÍTULO VII

## INFORMAÇÕES INTRIGANTES

Inicialmente o facultativo me ajudou bastante, porém, a tortura de ver as minhas filhas definhando a olhos vistos, por mais que a clínica se esforçasse na aplicação terapêutica, abatia-me de tal maneira que era impossível continuar levando algo muito a sério em relação à minha própria vida. Quanto à Isabel, por mais que eu insistisse em reatar a nossa relação, era solenemente repellido, aumentando-me a sensação de abandono completo.

Se, de um lado, a medicação prescrita pelo psiquiatra me afastava momentaneamente daqueles seres infernais, de outro, a situação tal como se apresentava, sem qualquer sinal de melhoria, dava-me a impressão de que aquelas figuras horrorosas existissem de fato, fossem elas apenas na minha imaginação ou produto de mentes desocupadas em sintonia telepática comigo. Na verdade, eu já não sabia mais o que pensar. Sem sombra de dúvidas, porém, uma coisa era certa: elas tinham vencido! Suas promessas de me destruir por completo estavam se concretizando cada vez mais.

Sem esperanças verdadeiras, tentando me agarrar aos fios que ainda teimosamente me prendiam à vida, fui literalmente assaltado por uma onda depressiva numa das poucas visitas que realizava às minhas filhas, as quais, por sua vez, sinalizavam que aquela internação seria por tempo indeterminado.

Com efeito, ao sair da clínica, um desespero atroz invadiu-me de tal forma que me deixei cair sobre a calçada, recostado numa parede, com as lágrimas vertendo em verdadeira avalanche de dor. No auge do sofrimento que me corria no íntimo, alguém me tocou levemente o ombro tirando-me, por instantes, daquele estado de completa inanição.

Tratava-se de um senhor de maneiras polidas e que, pelo seu linguajar, demonstrava ser alguém de um nível de sensibilidade e de intelectualidade que me arrebatou quase que por completo do quadro de apatia em que me encontrava. Perguntou-me se podia auxiliar em algo. Por minha vez, apesar de aquela pessoa me ser estranha, decidi confidenciar-lhe parte da minha desventura, a qual foi ouvida com profundo interesse e respeito.

Quando encerrei a minha síntese, sem saber ao certo como poderia ter exteriorizado tanto os meus aspectos mais íntimos para alguém que acabava de conhecer, o cavalheiro se apresentou:

– Chamo-me Dorival, senhor...

– Pietro. Por gentileza, podemos excluir as formalidades.

– Sem dúvida alguma, Pietro! Saiba que estou aqui na simples condição de pai que experimentou recentes problemas relacionados às questões psiquiátricas envolvendo a minha filha, que, aliás, deverá receber alta amanhã, segundo informações do diretor responsável por esta clínica.

– Tua filha?

– Sim, a nossa única e amada Berenice, que está completando dezoito anos esta semana. Minha esposa está com ela agora. Contudo, ao desembarcarmos do nosso carro, notei que você poderia estar precisando de alguma coisa. Peço que me perdoe a intromissão, mas como eu poderia lhe ser útil?

– Realmente, eu lhe agradeço, Dorival, mas nem mesmo eu sei do que preciso neste instante... Francamente, não sei como posso me ajudar tampouco como pedir ajuda...

– Meu caro, Pietro, estamos em situação semelhante. Quem sabe podemos estender a assistência que nós, eu e a minha esposa, Cláudia, além, é óbvio, da própria Berenice recebemos de um grupo espiritualista que muito nos auxiliou?

– Grupo espiritualista, Dorival? Desculpe-me a franqueza, mas não sou afeito a qualquer tipo de religião ou de seita. Sou um ateu convicto!

Nessa altura do nosso diálogo, o nobre cavalheiro já tinha me ajudado a levantar. Colocamo-nos, então, num local mais adequado, próximo à entrada da clínica, para continuarmos a conversação.

– Respeito a tua opinião e posição relativa às questões religiosas. Mas estou me referindo a um grupo de cavalheiros e de distintas senhoras que se aplicam ao trabalho exaustivo da desobsessão, ocasionada por entidades espirituais com as quais, por vezes, muitas criaturas que residem nesta dimensão, ou melhor, no nosso planeta se comprometeram pelos mais variados desequilíbrios, em ações

diretas ou indiretas, todas elas levando algum tipo de prejuízo emocional para esses assim chamados de “cobradores”.

O assunto resvalava em aspectos ocultistas pelos quais eu efetivamente não me interessava. Assim, comecei a arrumar evasivas para dar por encerrado o nosso colóquio. Todavia, Dorival não se fez de rogado e instou um bocadinho mais:

– Desculpe-me se insisto; porém, a nossa querida Berenice deixa esta clínica, como tenho certeza que muitos outros pacientes poderiam deixá-la também, por se submeter à terapia, convenientemente aqui aplicada, aliada às questões voltadas ao perdão. Este, diga-se de passagem, costuma solucionar os casos mais intrincados envolvendo o ponto que abordei há pouco sobre as questões obsessivas. Afirmo-lhe, contudo, que não se trata de terapia com conteúdo místico tampouco mágico, porque exige-se dos candidatos submetidos a ela uma profunda modificação de hábitos mentais e de postura diante da vida.

Casos existem, também, que por vezes são apenas minorados. Mas, diante desse conhecimento, lhe pergunto: o que poderá ser pior? Manter-se entrincheirado em posições materialistas ou dar uma pequena chance, mínima que seja, para conhecer e, talvez, aplicar um tratamento que lamentavelmente vem sendo desprezado ou sequer conhecido pela maioria dos habitantes deste planeta?

Não vou me estender mais, tornando-me uma pessoa inconveniente; porém, deixarei contigo os meus contatos. Em caso de interesse, podemos, juntos, procurar amenizar a dor que não é somente tua, mas das tuas filhas e da tua esposa.

Estarei à tua disposição! Peço que pense com carinho na minha proposta, porque, no final, não estamos na condição de verdadeiros guardiões amorosos dos nossos filhos enquanto eles necessitem da nossa participação direta? Sendo assim, meu caro Pietro, o amor tudo pode, conforme é do teu conhecimento, bastando que lhe demos a oportunidade de agir!

Dizendo isso, Dorival, polidamente, deu por encerrado o nosso diálogo. Despedindo-se, me deixou a sós com os meus pensamentos eivados de dúvidas, todas elas relacionadas àquelas informações que me prestara tão gentilmente.

## CAPÍTULO VIII

## ÚLTIMO RECURSO

Procurei resistir, durante certo tempo, a entrar em contato com o Dorival, crendo que as ideias estapafúrdias de espiritualidade, obsessores ou coisas semelhantes, em nada acrescentariam na minha vida ou na das minhas filhas. Poderia mesmo ser uma total perda de tempo junto àquelas pessoas e suas práticas místicas.

Contudo, depois de mais uma de tantas experiências oníricas, quando surgiu aquela figura monstruosa, achei que poderia tentar algo dentro daquela temática, porque o tal sujeito, ou seja lá o que fosse implantado no meu subconsciente, surgiu ameaçador dizendo:

– Escute bem, Pietro, temos acompanhado todos os teus movimentos. Saiba que não suportaremos intromissões na nossa causa justa. Pessoas surgidas como que por encanto na tua vida, procurando auxiliá-lo, serão devidamente afastadas de maneira enérgica! Saberemos cuidar de cada uma delas, como já demonstramos sermos capazes junto a você e à tua família. Portanto, afaste-se de quem quer que seja, para que não seja responsável pelas duras penas que aplicaremos nos intrometidos, aumentando, em paralelo, o nosso processo punitivo junto a você. Está avisado!

Diante de tudo o que eu já havia passado, decidi que não me intimidaria. Em vez disso, passei a considerar a oferta do Dorival, apesar das minhas convicções em contrário. Desse modo, após aquele pesadelo horrível com o tal mandante e a noite mal dormida, procurei o seu telefone e marquei um encontro. Queria que ele me levasse até o grupo que se dispunha à uma assistência fora dos padrões convencionais conhecidos por mim.

Ao encontrar o novo amigo, fui informado de que o mencionado grupo se consistia de meia dúzia de pessoas. A reunião deles ocorria em dois dias da semana na edícula da casa de um dos participantes. Preferiam operar em pequeno contingente, devido à harmonização entre eles constatada pelos resultados já alcançados.

Direcionamo-nos, pois, até o bairro mais nobre da minha cidade, cujo padrão de

vida dos seus moradores estava muito além daquele experimentado por mim. Estacionamos na frente de uma verdadeira mansão, onde fomos recepcionados por profissionais muito polidos, que nos encaminharam diretamente para a edícula antes mencionada.

O ambiente era bastante espaçoso. Pude notar, de imediato, que aquela sala reservada para a tal reunião era uma de tantas outras dependências que a construção possuía, sendo parte dela utilizada como moradia pelos serviçais da casa. Sua decoração demonstrava, ao mesmo tempo, simplicidade e sobriedade, com uma mesa no centro e algumas poucas cadeiras ao redor. Um pequeno sofá e duas poltronas encerravam a ambientação.

Não demorou para sermos atendidos pelo proprietário, cujo tratamento dispensado a mim foi idêntico ao dirigido ao Dorival, que já era seu conhecido de largo tempo.

O distinto cavalheiro, de nome Jorge, que demonstrava uma idade avançada apesar da sua disposição física, fez eu me sentir totalmente à vontade. Tão logo nos acomodamos naquela pequena saleta, ele pediu que eu narrasse, em síntese, as minhas experiências. Ouviu-me, então, atentamente, tal como o fizera Dorival quando do nosso primeiro encontro. Assim que eu encerrei o relato, Jorge, que preferia dispensar qualquer formalidade, falou:

– Essas experiências que o meu irmão vem passando não são incomuns, apesar de não serem, via de regra, tão profundas assim.

Casos obsessivos ocorrem; entretanto, no teu caso em particular, noto e, por inspiração que recebo do dirigente espiritual, fico ciente de que se trata de um processo de subjugação que está no seu auge. Os envolvidos estão, como todos os demais que agem dessa forma, completamente equivocados em seus conceitos, porque procuram fazer justiça com as próprias mãos, atingindo você, meu caro Pietro, pelas vias mais objetivas que encontraram. De uma maneira ou de outra, a tua situação vibratória ainda não abriu brechas suficientes para que os assim chamados algozes, os quais, na realidade, são, em sua maioria, as nossas vítimas de ontem, possam agir sem qualquer constrangimento.

Obviamente, não podemos descartar os casos de obsessão oportunista, através da parceria mental desordenada, incluindo, também, a oferta que lhes fazemos com o uso continuado de produtos ofensivos à nossa composição celular. Neste

ponto, refiro-me às dependências em químicos. Mas cumpre reforçar o que acabo de citar sobre as parcerias de padrões mentais desequilibrados e de posturas inadequadas em caráter repetitivo, porque, em verdade, o ensinamento paulino registrado em Hebreus 12:1, é, aqui, extremamente válido. O assim chamado apóstolo dos gentios registrou: Portanto, também nós, considerando que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, desembaracemo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, correndo com perseverança a corrida que nos está proposta.

Assim, Pietro, iniciaremos o nosso projeto assistencial a partir de hoje. Caso seja do teu interesse, será possível você acompanhar a sessão junto ao nosso grupo, que estará chegando em minutos, sabendo, de antemão, que a regra não é a participação efetiva do assistido, o qual, muitas vezes, fica profundamente impressionado com os desdobramentos durante o andamento das reuniões. Todavia, recebi orientação do mentor das nossas atividades sobre o teu caso específico, para que a tua participação ocorra no sentido do aprendizado diante da realidade da vida espiritual que você insiste em negar.

Fiquei intrigado com o fato, dando-me a impressão de que, por algum recurso desconhecido, o cavalheiro à minha frente penetrava nos meus valores mais intrínsecos, principalmente aqueles voltados ao meu total descrédito na espiritualidade.

Talvez eu tivesse mencionado que a minha postura era a de um ateu convicto e que esta atividade que se apresentava era, de fato, o último recurso que eu tentava a fim de que tanto eu quanto o que sobrara da minha família pudéssemos ter um pouco de paz.

## CAPÍTULO IX

## ESTRANHA OCORRÊNCIA

A reunião teve início com uma prece que eu acompanhei sem o menor interesse, apesar de sentir, em certo instante, que as palavras ditas pelo Jorge adquiriam um grau acentuado de emotividade e sinceridade. Para mim, entretanto, tudo aquilo que eu observava não alterava em coisa alguma, absolutamente, os meus valores.

A partir de então, algumas manifestações relacionadas aos espíritos necessitados, tal como eram nomeados, ocorreram sem me despertar a curiosidade. Até que certo cidadão, dito desencarnado, se apresentou um tanto perdido, questionando o dirigente:

– Onde estou? Que lugar é esse?

Jorge iniciou informando:

– Mantenha-se sereno, pois você se encontra entre irmãos num ambiente voltado à prece e à orientação de todos nós, no sentido de nos evangelizarmos com o Cristo Jesus.

– Ora, isto então é uma igreja? Não estou interessado nas ladainhas que, aliás, nunca entendi, porque não me voltei para o aprendizado do Latim. Sou, antes de qualquer coisa, um combatente, auxiliando o meu pai a justiça o canalha que hoje recebe o nome de Pietro, nominho esse que era o mesmo utilizado pelo seu filho mais velho, quando ele nos usurpou da nossa propriedade, trucidando-nos a todos diante do meu pai e da minha mãe, apesar dos pedidos de clemência.

O maldito conseguiu escapar até o momento; porém, não por muito tempo, porque vamos trazê-lo para o nosso lado junto com os outros dois faltantes, que estão travestidos de garotas nesta nova roupagem. Todos eles pagarão caro por aquilo que nos proporcionaram. A única exceção é a Isabel, esposa do crápula, que, na época, também como a sua consorte, de nada sabia. Pelo seu coração generoso, acabou acolhendo o grupinho que agora estamos justificando.

Eu estava surpreso com o que assistia e me questionava a respeito do recurso empreendido ali. O nome da Isabel não fora citado antes por mim; isso, entre

outras particularidades, era tudo completamente estranho para mim. A resposta mais lúcida que encontrei para o momento foi a de alguma transmissão telepática da minha parte, sem que eu precisasse enviar ao grupo qualquer dado de maneira consciente.

No entanto, o tal comunicante, ou fosse quem fosse, através da senhora que, inclusive, alterava seu tom de voz para um grave rouquenho, pareceu dirigir-se a mim. Sem que movimentasse a cabeça, disse:

– Este verdadeiro genocida aí pensa que somos produto do seu inconsciente ou um mero recurso telepático. Todavia, somos as mesmas criaturas que foram trucidadas por ele ou por ordens dele e, todos os que lhe obedeciam, operavam as execuções de forma prazerosa. Hoje, esses executores são os mesmos que ele trata como filhos e filhas.

Nessa altura dos acontecimentos, o Jorge intercedeu indagando:

– O meu irmão está se referindo a qual período da história exatamente?

– De início, quero deixar claro que esse tratamento de irmão é integralmente declinado por mim. Não sou teu irmão! No mais, se estimei a tua curiosidade, saiba que estamos em pleno século XIII do Nosso Senhor.

– Desculpe-me se utilizo uma terminologia que não lhe satisfaz, tratando-o como irmão. De todo modo, aceitando ou não, somos de fato irmãos diante do Criador. Aproveitando as tuas informações, o nosso companheiro se refere ao século XIII, quando nos encontramos praticamente às portas do século XXI...

O comunicante pareceu levar um baque com a informação, porque, revoltado, vociferou:

– Mentira! Você mente descaradamente! Saiba que colocarei o meu pai diante de você e não teremos misericórdia contigo, seu intrometido defensor de assassinos cruéis, esses que não vão mais se safar das nossas garras! Vamos nos vingar com o mesmo grau de frieza que eles empregaram conosco.

Dizendo isso, a comunicação foi encerrada abruptamente, deixando-me embasbacado diante daquela ocorrência completamente estranha para mim.

## CAPÍTULO X

## ALGO PARA APRENDER E PRATICAR

Ao término da reunião, saí na companhia do Dorival. Enquanto nos dirigíamos para a minha casa, procurei entender um pouco mais sobre a manifestação que tanto me impressionara. Credo ainda se tratar de um produto produzido pela minha mente e captado telepaticamente pela sensitiva, foi exatamente nessa linha que eu o indaguei.

Ele, com a calma peculiar de que era dono, respondeu demonstrando nitidamente a sua tentativa de ser o mais claro possível diante do meu total desconhecimento doutrinário:

– Meu caro Pietro, precisamos, aqui, separar muito bem as manifestações que são possíveis numa reunião como essa, sem que elas, em absoluto, percam a sua natural credibilidade.

Dentro do ponto observado por você, existe, sim, a possibilidade de o aparelho mediúnicos (ou médium) manifestar uma de suas próprias personalidades anteriores, ou mesmo uma daquelas da pessoa presente na reunião, entre outras situações sobre as quais não vamos nos aprofundar neste instante, porque a presença do ser encarnado, na verdade, não é necessariamente obrigatória ali.

Então, para qualquer aspecto da nossa análise, temos de considerar as questões relativas à sobrevivência do espírito bem como à sua conseqüente reencarnação, para que eu possa dar seguimento à resposta para a pergunta que me fez.

Sei do teu posicionamento em relação ao que estou expondo; porém, peço que reflita, sem qualquer resistência inicial, para que o conteúdo do que eu vou lhe falar não se perca.

– Você está me pedindo para eu não ficar numa posição preconceituosa, é isso, Dorival?

– Sim, Pietro, exatamente! Posso lhe afirmar com segurança esse e outros fatos espirituais, a partir do estudo que faço do assunto há mais de quarenta anos, analisando seitas, doutrinas e religiões, tanto do ramo oriental quanto do

ocidental, juntamente com as suas muitas alterações ocorridas dentro de um assunto que é tão relevante para a criatura. Essas alterações, aliás, foram feitas para acomodar os interesses de mandantes e, por vezes, de certas sociedades, dentro dos quesitos chamados morais, os quais não necessariamente são éticos, como bem sabemos.

Muito bem, dando continuidade no foco central da tua questão, a comunicação ocorrida se mostrou de uma originalidade que não deixa margem de dúvidas tanto da minha parte quanto do Jorge, o dirigente da reunião, além dos demais elementos lá presentes.

O que acontece é que o espírito demonstrou estar na condição de estacionamento diante da agressão recebida, vivenciando um processo auto-hipnótico. Ele centraliza, em sua mente, sem qualquer apreço pelo tempo, uma ocorrência vivenciada num período remoto, e o faz por não permitir, ainda, que o perdão o desvincule do trauma sofrido.

Um tanto impressionado com a resposta, pedi licença para interrompê-lo, lançando outra questão que desdobrava aquele tema:

– Caso eu admita a hipótese da reencarnação, isso significa que o trauma que o comunicante expôs ocorreu por minha integral responsabilidade?

– Antes da resposta objetiva sobre a tua dúvida, devo lhe dizer que a reencarnação não está incluída no terreno das hipóteses, pois, se assim fosse, ou seja, caso ela não se apresentasse como algo lógico, Deus e a Sua justiça, bem como o processo evolutivo, estariam completamente comprometidos. Portanto, tanto a reencarnação quanto as Leis de Deus não estão sujeitas à aceitação, à crença, tampouco à religião ou a qualquer outro posicionamento da criatura para exercerem a proposta educativa do espírito em evolução.

Agora, em relação à comunicação em si, podemos encontrar situações que parecem, mas que não necessariamente demonstram completa originalidade, porque, em alguns casos, o ódio e o desejo de vingança operam por vias indiretas. São casos em que entidades com maior poder de convencimento podem, em regime de trocas, se valer de outros indivíduos desencarnados para exercerem seus projetos de vingança.

Todavia, no caso que analisamos, em que o espírito te identificou diretamente, existe, sim, em determinado momento da história, um relacionamento

desequilibrado envolvendo alguns membros da tua família e os daquela outra. Uma relação de disputa que, às vezes, fez sentido há séculos atrás, por mais absurdo que possa parecer. Sem que procuremos escapar das nossas responsabilidades, precisamos compreender que a mentalidade daquele período, século XIII, estava calcada em disputas, conquistas e guerras sanguinolentas, motivadas muitas vezes por bagatelas.

– Então, se tudo o que você me diz for possível, eu mantenho uma dívida com esse grupo, uma dívida impossível de ser saudada, Dorival?

– Aí reside o nosso engano, Pietro. Desde o instante em que o Nosso Senhor e Mestre aportou no nosso planeta, as desavenças, sejam elas de que natureza forem, deixaram de ser tratadas pelo método do olho por olho e dente por dente, passando a ser resolvidas com o recurso do perdão, do exercício da mudança comportamental e da humildade. Isso se verifica exatamente quando Jesus nos recomendou que orássemos, inclusive, por aqueles que nos caluniam ou nos perseguem.

Existe, sim, a necessidade do exercício do perdão, posto que essa atitude demonstra a nobreza da criatura e o seu grau de reconhecimento de espírito em evolução. Todos nós, um dia, em virtude de a nossa evolução ainda ser incipiente em termos éticos, precisamos do perdão, seja como alguém que peça ou como aquele que o concede a outrem sem qualquer constrangimento, já que não são raras as vezes em que estamos ou estaremos diante de uma falta cometida por nós ou pelo nosso semelhante.

– Mas, no meu caso, sendo eu uma criatura prática diante da vida, o que poderei fazer por mim mesmo? Entendo que essa tarefa, se ela é um fato, cabe diretamente a mim, estou certo?

– Peça perdão, Pietro, independentemente de recordar o que se passou. Ore por esses nossos irmãos que decidiram se enclausurar no ódio estando, agora, manietados entre eles com o único propósito de fazer justiça com as próprias mãos. Seguramente, eles se comprometem diante das Leis do Criador, sem que possam encontrar a paz de consciência que tanto procuram, entendendo, equivocadamente, que conseguirão tranquilidade através da vingança. Veja meu caro, como nos apegamos de tal forma aos aspectos passageiros de uma vida que, efetivamente, nos esquecemos de viver!

– Compreendo, Dorival; todavia, eu sequer sei orar...

Aquele meu amigo, demonstrando extrema paciência diante da minha alegação infantil ou, talvez, inconsciente, querendo de alguma forma fugir do problema, respondeu:

– O nosso relacionamento com o Criador é constante, Pietro. Não precisamos de intermediação, até porque vivemos sustentados pelo Seu amor. Mentalmente, fale com Ele tal como você o faria com as pessoas que lhe são mais caras. Certamente, a tua honestidade e humildade promoverão as maravilhas da inspiração e conseqüente fortalecimento. Dessa forma, você exercita o perdão com toda a sua pujança. Peça que a misericórdia do Nosso Senhor auxilie você e o grupo que entende estar fazendo justiça, para que iniciem um relacionamento de paz. No futuro, essas oportunidades de correção ocorrerão, seguramente, e todas elas lastreadas no amor.

As palavras de Dorival, por algum motivo desconhecido por mim, eram vazadas com tamanha lógica que, por instantes, senti que alguma coisa de natureza superior respondia os meus questionamentos sobre o porquê de eu estar vivenciando aquelas situações de perseguição tão esdrúxulas até então incompreensíveis para mim. Nas suas palavras, eu realmente identificava que tinha algo de muito importante para aprender e pôr em prática.

## CAPÍTULO XI

## MARCAS DA DESCRENÇA

Mesmo diante das minhas convicções arraigadas num ceticismo ímpar, acreditando, de antemão, que os efeitos seriam inócuos, decidi que tentaria as solicitações de perdão, buscando, na prece, algum lenitivo para aquilo que estava passando.

Mas, para a minha surpresa, na mesma noite em que iniciei, com muito pouco convencimento, os mencionados exercícios, fui assaltado por um pesadelo. Era mais uma visita do tal comandante que, com o seu ar sarcástico, apresentou-se dizendo:

– Pietro, você é uma piada ambulante, ou melhor, um verdadeiro palhaço, faltando apenas um picadeiro para que a comédia seja completa... Os teus pedidos de perdão e as orações estão muito mais para brincadeira de criança do que para algo que demonstre qualquer fundo de seriedade. Caso você tenha alguma esperança de que possamos perdoá-lo, estou lhe garantindo que essa pretensão chega a ser risível. Vamos massacrá-lo, pisá-lo como se faz com um inseto ou com uma serpente peçonhenta, tal é da tua natureza, seu crápula maldito! Pensa você que vamos lhe dar um instante que seja de trégua? Pois tenha a certeza absoluta que vamos é torturá-lo continuamente, a fim de que você venha para o nosso lado depois de assistirmos à tua derrocada final com a morte das gêmeas.

Ao finalizar essa frase, o tal fantasma, ou fosse lá a minha criação mental, avançou na minha direção procurando me enganar. Foi quando despertei empapado de suor tendo a nítida impressão da sua presença no meu quarto. Não mais consegui pregar os olhos naquela noite, pois as recordações de tudo o que havia ocorrido até então agrediam-me de forma sistemática e dolorosa.

A morte dos meus filhos, a internação das meninas, a separação praticamente definitiva de Isabel, tudo aquilo realmente liquidava, gradativamente, qualquer motivação que eu tinha para continuar vivendo. Questionei-me inúmeras vezes se a última tentativa de pôr um ponto final em todo esse sofrimento, procurando a assistência daquele grupo de espiritualistas, não seria apenas um adiamento da

realidade que se estampava à minha frente. Não estaria eu fugindo das responsabilidades ou até de mim mesmo, buscando encobrir, com essas ou aquelas receitas, a situação completamente desequilibrada em que me encontrava?

Pensando assim, busquei, pela manhã, o meu psiquiatra. Mas, para a minha infelicidade, ele estava, exatamente naquele dia, participando de um congresso em sua área. Porém, antes que o desespero batesse firme em minha porta, recebi com surpresa uma ligação telefônica do Dorival, o qual, como sempre, me saudou respeitoso e confiante.

Alguns segundos depois, percebendo o meu abatimento, questionou-me:

– Como foi a experiência inicial do meu amigo no treinamento para o câmbio do padrão mental?

– Péssima, Dorival! As minhas projeções fantasmagóricas retornaram com força total!

– Você gostaria de me contar isso sinteticamente, Pietro?

Atendi a solicitação do amigo, mas muito mais por respeito ao seu interesse para comigo do que por vontade própria, uma vez que ela partia de alguém que, de fato, não aceitava qualquer hipótese relacionada a entidades espirituais.

Entretanto, surpreendeu-me, instantes após o meu relato, o que o Dorival disse a meu respeito. Foi como se ele tivesse, de alguma maneira, penetrado na minha mente, uma vez que parte dos acontecimentos de que ele tratou eu não tinha mencionado, principalmente em relação aos pedidos de perdão e à prece:

– Pietro, as ocorrências envolvendo a tua postura quanto a perdoar e a se sintonizar verdadeiramente com o Criador através da prece não poderiam se concretizar de forma automática ou, até mesmo, milagrosa, até porque qualquer uma das circunstâncias que acabo de mencionar alterariam as questões relacionadas ao nosso livre-arbítrio e às Leis do Criador. Nesse sentido, é fundamental compreender que o perdão não é algo que se alcança sem a determinação necessária e o exercício contínuo, incluindo, nesse apontamento, a nossa real sintonia com os mentores espirituais durante os instantes da prece.

Recordemos que a implementação da crença nos valores espirituais não ocorre

de um momento para o outro dentro de nós, pois não somos máquinas para responder, de imediato, aos ajustes ou desajustes. Somos, em vez disso, seres espirituais! Na nossa imortalidade, diante da justiça divina, a qual, por sua vez, se manifesta na oportunidade do uso do livre-arbítrio, colhendo tudo aquilo que semeamos, não faremos alterações de vulto pelo simples fato de recebermos um aviso, por mais caridoso que ele possa ser. Se, de um lado, implementamos a infelicidade do semelhante, e isso por ignorância, é justo que tenhamos de nos esforçar para alterarmos o quadro, o que se faz à medida da nossa conscientização.

Peço que não desista do intento de alterar a postura em relação ao oportunismo do passado, quando, por completo desrespeito à vida, a começar da tua, foi imposta nas mentes frágeis de então a marca da crueldade. Esse trauma, justamente, se reflete até os dias atuais, necessitando da tua boa vontade e do teu esforço para quebrar de vez as amarras do ódio que os consome.

No fim, Pietro, somos todos responsáveis pela felicidade uns dos outros diante do Nosso Criador, porque, basicamente, somos filhos Dele e irmãos uns dos outros. Não como regra, obviamente, mas o fato é que insistimos em não aceitar essa verdade. Porém, dia virá que nos interessaremos pelo nosso próximo tanto quanto hoje somos atentos à felicidade daqueles que se relacionam conosco, seja na família ou no círculo dos amigos. Certamente, um dia amaremos aos outros como nos amamos, seguindo a recomendação capital de Jesus, que para nós resumiu todos os mandamentos em apenas dois: amar a Deus sobre todas as coisas, como o primeiro, e amar ao próximo como a nós mesmos, o segundo.

Ao término de suas ponderações, entre agradecendo e ainda mantendo uma ponta de descrédito, despedi-me do Dorival comprometendo-me, não com ele, mas comigo mesmo, a participar da reunião do grupo espírita que aconteceria logo mais à noite.

## CAPÍTULO XII

## MUITO PARA REFLETIR...

A reunião do grupo liderado pelo Jorge mal acabara de iniciar, após a realização do preparo do ambiente e a prece inicial, quando um dos sensitivos presentes intermediou a entidade que se identificou como Giuseppe. Fazia ele referências agressivas a mim. Proferia isso, pois, nos seguintes termos:

– Esta serpente aqui, hoje travestida de Pietro, pensa que se unindo a este grupo de fanáticos religiosos amenizará ou neutralizará as minhas investidas.

E, após uma solene gargalhada, continuou:

– Você todos vão se arrepender de estarem se imiscuindo em assunto que não é da conta de qualquer um aqui. Trata-se de um assunto meu e do crápula, que, aliás, gradativamente sorve o mesmo veneno do qual se utilizou com a minha família.

E dirigindo-se diretamente a mim, destilou, em seu tom de voz, todo o ódio que envolvia o seu coração:

– Maldito genocida! Se você tivesse liquidado apenas a minha vida, hoje eu seria até um pouco mais brando no processo de justiça que movo contra você; mas empregar aquela crueldade com bebês, crianças, moças e mulheres foi inaceitável! Você colhe, agora, o fruto amargo daquilo que me impôs.

Percebi que o dirigente da reunião encontrou alguma brecha nas colocações do comunicante, porque, em seguida, com muito tato, fez uso da palavra:

– Meu caro Giuseppe, a tua presença entre nós tem como princípio fundamental o abrandamento dos sentimentos aviltados que te martirizam até os dias atuais, tornando-o um verdadeiro prisioneiro deles. Entendo a tua indignação diante do que lhe foi imposto em certo período da história particular entre a tua família e a do nosso companheiro que hoje aqui se encontra, necessitando, como você, aliás, todos nós, do perdão como verdadeira terapia evolutiva.

Quais os frutos que você colherá alimentando a dor que lhe perpassa o íntimo,

escravizando, inclusive, os seres amados que procuram cumprir o teu projeto de vingança? Note o tempo que se passou entre o ocorrido e a situação atual! Pese na balança da vida, para ver se compensou tantos séculos de dor.

Nesse instante, a entidade interrompeu o dirigente vociferando:

– Escute aqui, seu padreco metido a santo, quem você pensa que é para falar comigo dessa maneira? Saiba que eu sou um nobre; possuo direitos de propriedade e negocieei com o avô deste maldito mal caráter que aqui se encontra a cessão da terra que ocupo. Foi, portanto, a ganância deste crápula a responsável por tudo o que ele vem promovendo, quando ele contratou, inclusive, mercenários para eliminar todos da minha família, até funcionários meus para retirar aquilo que me pertencia. Vou-me daqui, porque, na verdade, não tenho satisfações para dar. Tenho é de preparar, com urgência, as nossas defesas para continuar a luta!

Eu estava completamente atônito com o que acabava de ouvir. Seguramente, o momento não oferecia qualquer oportunidade de questionamentos. O Jorge, então, como o dirigente responsável, convidou a todos para uma prece em favor daquele irmão que acabava de deixar o recinto e deu continuidade à reunião com a tranquilidade que o caracterizava.

A minha ansiedade aumentava a cada instante. Eu não via a hora de poder questionar o Dorival, que me acompanhava, a respeito do sucedido. Com efeito, a hora seguinte, até o encerramento das atividades e as cordiais despedidas, me pareceu uma eternidade! Mas, tão logo nos retiramos, perguntei ao amigo a respeito da ocorrência final na comunicação.

Dorival, muito solícito, procurou me esclarecer:

– Note, meu caro Pietro, como a mente é complexa na manutenção de traumas cujas ocorrências datam de quase setecentos anos. O nosso irmão Giuseppe, conforme se identificou, se vê diante de um quadro completamente antagônico aos seus interesses. Essa situação contrária apresentou-se, justamente, através das palavras do Jorge, todas elas inspiradas pelo dirigente espiritual dos trabalhos que, aliás, buscou um processo inicial de conscientização desse nosso companheiro. Este, porém, enclausura-se em si mesmo, retornando, em condição auto-hipnótica, aos momentos vivenciados naquele período primitivo da nossa evolução, quando a força estava, sempre de forma cruel, acima das negociações.

– Mas o que ele passou a vivenciar naqueles minutos era de fato real?

– Como não? Giuseppe, fugindo da sua própria realidade como espírito imortal, detentor, portanto, das qualidades superiores em potência, refugiou-se no seu subconsciente profundo, na personalidade não abandonada por ele até hoje, passando a reviver, num movimento de recordação, as características reais daquele momento de nobreza.

Caso ele se encontrasse reencarnado e ocorrendo, em caráter rotineiro, o fato por nós presenciado, ele seria, com acentuada possibilidade, tratado ou internado como esquizofrênico. Isso porque a ciência do planeta ainda desconhece as capacidades do Espírito, embora alguns dos seus componentes lutem para apresentá-lo no seu caráter comum e verdadeiro de existência. Bem, mas o tempo, senhor da razão, alterará de forma gradativa essa visão limitada, sem que consciências sejam agredidas, agindo, enfim, na medida exata da nossa evolução.

– Nesse caso, Dorival, é possível que o Giuseppe mantenha viva a realidade dessas experiências com a personalidade do nobre de aproximadamente sete séculos atrás?

– Este é, justamente, o desafio do nosso grupo de trabalho junto aos mentores espirituais: retirá-lo do monoideísmo doloroso em que se encontra, oferecendo-lhe a possibilidade real de isso acontecer. Pelo menos nos seus momentos iniciais, a tarefa de trazê-lo para a realidade da continuidade da vida está afeita ao processo mediúnic, em que, através do contato com o intermediário encarnado, as aparências da existência terrena ganham maior força. Com isso, será possível quebrar as estruturas mentais viciadas nas quais ele se encastelou.

Para que eu me faça um pouco mais claro, esse contato com o médium, da forma como ocorre, produz um choque semelhante àquele que o espírito percebe no seu estado reencarnatório, renovando-lhe ou, pelo menos, dando-lhe a oportunidade de renovar-lhe o padrão energético mental, abrindo-lhe, assim, certa porção de consciência que jaz embotada pelo processo hipnótico autoimposto.

– A situação como um todo me parece complexa mesmo, Dorival...

– De fato, porque somos criaturas muito ricas em todos os sentidos, mas que ainda não sabe lidar com as riquezas dos nossos potenciais, os quais são de origem divina. Na verdade, muitas vezes empregamos esses potenciais para

promover enfermidades as mais variadas em nós, em processos psicossomáticos de difícil diagnóstico.

Mas não podemos estacionar nas condições equivocadas com as quais o ser se envolve, porque o mesmo potencial que promove a enfermidade é o mesmo que produz a cura ou os benefícios do movimento do amor para nós e para os nossos semelhantes. Nesse sentido, as energias desequilibradas, que são movimentadas pelo guerreiro, são as mesmas que, sublimadas, são movimentadas pelos santos, criaturas essas que exercitam o verbo amar em todos os instantes de sua existência, estejam elas na dimensão que estiverem.

– Diante de tudo o que você está expondo, o que devo fazer, então, Dorival?

– Insista na prática do perdão, não apenas em relação ao nosso Giuseppe e os integrantes da sua falange, mas também em relação a você, para que o perdão possa se concretizar, porque aquele que não se perdoa, como poderá fazê-lo em favor do próximo? Em paralelo, recorra à prece intercessória em favor desses nossos irmãos que sofrem na ignorância do respeito a si próprios. Também, inclua você e os seus familiares nas orações, para que o Senhor possa sustentá-los diante das provas às quais vocês estão sendo submetidos.

Lembre-se, Pietro, que o amor é o elemento mais poderoso do universo; é o único com existência real. Aquilo que difere dessa realidade não passa de frutos das mentes ainda ignorantes de suas próprias potencialidades divinas, procurando se manter na ilusão do egoísmo.

Mais uma vez eu experimentava a sensação de energias novas com os esclarecimentos do amigo Dorival. Agradecido, me despedi com um abraço fraterno, tendo a certeza de que teria muito material para refletir durante os próximos dias.

## CAPÍTULO XIII

## DESESPERO SUPREMO

Fosse coincidência ou não, uma série de dúvidas pairava na minha mente em relação aos últimos acontecimentos, principalmente quanto às ameaças do tal comunicante Giuseppe. Essas, aliás, não se fizeram esperar.

Tanto eu quanto a Isabel fomos chamados à clínica, onde as gêmeas se encontravam internadas, para sermos comunicados das terapias que seriam intensificadas nas garotas. Ocorreu que, em virtude de o quadro esquizofrênico delas apresentar súbita piora, os fármacos utilizados até então não fizeram frente aos surtos que, subitamente, passaram a acontecer. Com efeito, dentro do meu conhecimento limitadíssimo à época sobre as enfermidades ditas psiquiátricas, chocou-me ver as minhas filhas se apresentarem diante de nós tal como dois verdadeiros zumbis.

Isabel, inconformada com aquele espetáculo doloroso, não conseguia conter as lágrimas. E, para o meu desespero, em determinado instante que procurei consolá-la, ela me evitou de todas as maneiras, como se estivesse transferindo para mim a responsabilidade da infelicidade experimentada pela nossa família. A minha dor se exponenciava até próximo das raias da loucura; questionava-me como ainda me mantinha lúcido diante de tanta expiação.

Para acrescer aquele drama dantesco, novamente eu experimentaria, horas depois, quando me recolhi ao leito mais cedo do que de costume, uma agonia maior, essa que já não era pouca. A tal entidade, fosse o demônio em pessoa ou a minha alucinação, apresentou-se no meu pesadelo com ares mais sarcásticos que os costumeiros. Dirigindo-se a mim, disse arrogantemente:

– Estou cumprindo com o prometido, seu crápula, proporcionando o agravamento dos problemas mentais das tuas garotas para que, dessa forma, você possa sofrer ainda mais, assistindo ao quadro de degeneração que se opera sem que possa fazer coisa alguma.

Você acreditou, realmente, que ao se unir ao grupinho carola suspenderia o processo punitivo que mantivemos reservado para você e os teus familiares,

todos eles, aliás, acumpliciados e tão culpados quanto você pelo genocídio imposto aos membros da minha família? Enganou-se, pois estávamos há muito tempo trabalhando com afinco para pegarmos todos os pássaros na mesma gaiola!

Mas confesso que chego a sentir um pouco de pena da Isabel, a quem também estamos, momentaneamente, dando certa assessoria vibratória, para que ela possa sentir verdadeira repulsa de você. Diga-me com sinceridade: eu e o meu grupo somos muito competentes, não é mesmo?

Tive o ímpeto de avançar em sua direção sem temê-lo; contudo, despertei ainda tendo a impressão de que ouvia aquela criatura desprezível dizendo:

– Isso, mantenha acesa a chama do ódio no teu coração, pois isso facilita em muito o nosso trabalho!

Realmente, um misto de ódio e de desespero abateu-se sobre mim com tamanha intensidade que me levantei num sobressalto indo em direção à garagem de casa com a intenção firme de solucionar aquele problema de uma vez por todas, asfixiando-me com os gases tóxicos emitidos pelo veículo. O monóxido de carbono faria um serviço limpo e rápido e, para isso, eu nem precisaria gastar muito tempo.

Cheguei mesmo a pegar a mangueira e instalá-la na janela do veículo; porém, ao término da operação, quando fui ligar o motor, minhas mãos tremiam de tal maneira que eu simplesmente não conseguia colocar a chave no contato. Por mais de uma vez, a derrubei no tapete tendo certa dificuldade de apanhá-la. Por conta disso, acusava-me agressivamente pela covardia com a qual lidava com as coisas e praguejava contra aquele infeliz. Se aquele fantasma infame realmente existisse, talvez ele estivesse coberto de razão, ao me acusar das atitudes covardes por meio das quais submeti tanto ele quanto os membros da sua família, quando já se encontrava capturada à minha frente.

As lágrimas de desespero e de revolta inundaram a minha face. Não sei, realmente, por quanto tempo estive naquela condição, amargando a desdita de uma vida em que eu sequer tinha capacidade de encerrar.

## CAPÍTULO XIV

## SENSATAS OBSERVAÇÕES

Não entendi muito bem qual foi o mecanismo mental que fez com que o Dorival me telefonasse justamente naquele instante de sofrimento tão intenso para mim. Deu-me a total impressão de que ele sabia o que estava acontecendo comigo, a tentativa malograda do suicídio que eu procurava por desespero de causa. Tanto é assim que tão logo atendi aos insistentes toques do telefone, ele iniciou as suas colocações da seguinte maneira:

– Pietro, sei que você está passando por momentos muito delicados, o que, honestamente, considero dentro de certa normalidade, após as ocorrências que temos observado e as interferências junto ao grupo de obsessores. O que poderíamos esperar em meio à tanta revolta por parte desses nossos irmãos? Isso não é surpresa para quem está habituado a esse tipo de assistência.

Mas, no teu caso especificamente, precisamos incluí-lo, de imediato, na assistência espiritual, em que a fluidoterapia será de grande expressão para a sustentação energética. Ela será, inclusive, extensiva àqueles nossos irmãos que se encontram em processo de ligação direta com você e com os teus familiares.

Antes mesmo que eu iniciasse a minha contra-argumentação, no sentido da minha pouca disposição para a proposta, Dorival continuou:

– Sei do teu grau de resistência no que diz respeito à terapia desobsessiva e às atitudes práticas envolvendo o exercício do perdão e da prece. Mas, no estado em que as coisas se encontram, peço que você simplesmente atenda a minha solicitação. Faça um esforço, mesmo que a contragosto inicialmente. Dê uma oportunidade para que os nossos mentores, que nos acolhem em nome do Nosso Senhor, possam não apenas atendê-lo, mas também assistir os teus familiares e esse grupo de irmãos que insiste em se debater nas sombras da ignorância e do sofrimento, proporcionado por um processo de vingança e de justiça equivocado, o qual irá mantê-los por tempo indeterminado nesse verdadeiro vale de trevas.

O pedido do Dorival, coincidentemente ou não, eu não saberia explicar ao certo, demonstrava tamanho conhecimento do que se passava comigo que eu decidi

atendê-lo de bom grado; até porque o esforço que o novo amigo fazia em relação ao meu bem-estar e ao dos meus familiares era tamanho que seria uma grosseria e ingratidão extrema da minha parte qualquer atitude em contrário.

Pensando assim, respondi afirmativamente. Contudo, aproveitei o ensejo para lhe lançar um questionamento:

– Está certo... Mas quando podemos começar? Aliás, do que se trata efetivamente essa terapia?

Dorival respondeu sorrindo aos meus ansiosos apelos:

– Meu caro Pietro, com a calma adequada, iniciaremos esse tratamento hoje mesmo, numa casa especializada nessa tarefa. Peço apenas que não resista, fazendo rotulações antecipadas.

Simplificadamente, posso dizer que a assistência magnética e espiritual se consiste em várias sessões de transferências energéticas patrocinadas por médiuns, unidos, nessa tarefa, aos mentores espirituais. Os benefícios dela estarão sendo observados à medida que o tratamento se processa, estimulando, através do corpo espiritual, os aspectos relativos à autoconfiança, ao equilíbrio emocional e à dispersão de energias deletérias produzidas pela mente em desalinho, as quais, em conjunto com outras, nos coloca em situações cada vez mais embaraçosas dentro do terreno da baixa autoestima, levando-nos, por vezes, a medidas extremadas diante do desespero.

Pareceram-me, a princípio, muito sensatas as observações do novo amigo. Necessitado como me encontrava, procurei ser o mais positivo possível, apesar da minha resistência às tratativas de caráter místico. Incrivelmente, nesse particular, Dorival, ou seja lá quem o assessorasse, me transmitiu a impressão imediata de que ele lia a minha mente tal como um livro aberto, porque, em seguida, ele completou:

– Não tratamos esses assuntos importantes sob viés oculto, recheado de crendices e de superstições tolas, Pietro; antes, tratamos essas questões com a coerência da razão e das pesquisas e estudos demorados sobre aquilo que estamos nos propondo fazer tanto por nós quanto pelos nossos semelhantes. Em outras palavras, a caridade, ou a nossa disposição em estender o amor ao próximo através das nossas ações, exige discernimento, e é exatamente aí que entram as pesquisas, os estudos e a sua prática continuada.

Não se preocupe, tampouco crie barreiras mentais às propostas que lhe apresento, porque elas não se encontram em terreno infantilizado diante do Criador, mas sim dentro da lógica trazida por Jesus no Seu Evangelho, que nos oferece o norte para que as nossas existências sejam produtivas dentro do terreno evolutivo. Seguramente, o conhecimento de nós mesmos, das nossas potencialidades nos oferecerá a chance de fazermos o melhor por nós e para os nossos semelhantes. Em síntese: o Senhor nos estimula a usarmos a nossa inteligência fazendo o bem, e isso porque, simplesmente, o bem é nosso patrimônio divino, o verdadeiro tesouro que nos pertencerá para sempre.

Portanto, deixe-se contaminar pela lógica dos ensinamentos de Cristo e você poderá constatar, em pouco tempo, que Ele de fato é o caminho, a verdade e a vida. Tudo isso será proporcionado não mais por uma fé cega, mas sim pela racional, que atende à lógica dos fatos em qualquer tempo das nossas existências. Experimente e você verá!

## CAPÍTULO XV

## NINGUÉM COLHE O QUE NÃO PLANTOU

Ao cair da tarde daquele dia, Dorival foi até o meu escritório no intuito de me conduzir à reunião do grupo mencionado. Apesar do abatimento e da minha descrença em relação às assim mencionadas terapias que vinham sendo aplicadas em mim, resolvi acompanhá-lo muito mais por polidez do que verdadeiramente por interesse e crença. O ceticismo sempre fez parte da minha vida; não seria agora que as minhas arraigadas opiniões sofreriam alterações de monta.

Mesmo assim, o amigo tão solícito e sempre disposto a auxiliar não poderia ser tratado sem o respeito adequado. Ia, assim, dividido entre esse respeito ao meu amigo e a realidade da descrença que residia no meu íntimo, uma realidade impossível de não demonstrar, pelo menos mentalmente.

Por oportuno, chamavam-me a atenção alguns aspectos relativos à telepatia. No meu reduzido entendimento, tive de tratá-los por esse parâmetro, já que, no caminho da mencionada instituição, Dorival não tardou com o comentário:

– Percebo a tua debilidade um tanto mais acentuada hoje, Pietro, e agradeço, sinceramente, pela deferência aos meus pedidos, no sentido de continuarmos a tua terapia. Quanto à instituição, não se trata de uma organização oficial, mas sim de um grupo de amigos que também se reúne numa sala particular alugada para este fim: prestar a assistência necessária nesses casos tão delicados relacionados à obsessão, à subjugação ou até mesmo à possessão realizada por Espíritos, irmãos nossos, aliás, que procuram manter a chama acesa da desforra pelos prejuízos recebidos através dos nossos equívocos. Devemos considerar, porém, que se passamos por situação dessa natureza, ou seja, obsessiva, é porque ninguém colhe aquilo que não plantou, conforme as Leis divinas. No nosso caso, nos reunimos sem a constituição de uma sociedade por sermos poucos, ainda, os que realmente se interessam por essas importantíssimas atividades na nossa sociedade, todas elas relacionadas e lastreadas na Codificação Kardecista. Somos, em outras palavras, espíritas.

Confesso que fiquei chocado, porque, em família, meus pais, céticos quando o assunto era religião, raras vezes comentavam sobre grupos espíritas. Mesmo

assim, recordava-me que em todas essas ocasiões, um tom jocoso se fazia presente.

Quando procurei demonstrar a minha opinião, o Dorival, provavelmente percebendo a minha expressão, disse:

– Eu contava que as primeiras manifestações, nas nossas atividades junto ao Jorge e o seu grupo, já fossem suficientes para que você identificasse essas nossas diretrizes, meu caro Pietro.

– Honestamente, Dorival, nunca tive qualquer familiaridade com as religiões devidamente constituídas, donas de rebanhos gigantescos. Para mim, os trabalhos assistenciais dirigidos pelo Jorge eram uma reunião ocultista. Sendo eu muito franco contigo, procurei atender àquele apelo em função do meu total desespero de causa, vendo a minha família destroçada e os problemas psiquiátricos se avolumando. Sequer me dei ao trabalho de me aprofundar nesse particular, e atendo, realmente, aos teus apelos muito mais pela educação e por me encontrar em condição completamente solitária diante desses intrincados problemas, que estão somados às condições dos meus próprios negócios, os quais, aliás, vão de mal a pior.

Veja pois, o meu quadro: situação financeira próxima do comprometimento fatal, sem qualquer perspectiva de melhora; duas filhas internadas; dois filhos jovens mortos; para completar a minha desdita, a separação de Isabel possivelmente em caráter irrevogável. Com relação à separação especificamente, não que eu queira, mas tenho de respeitar a opinião e o desejo que a Isabel mantém. Pois bem, se você estivesse vivenciando essas minhas experiências, não se agarraria em alguma coisa para não perder a razão?

Dorival, sem demonstrar qualquer ponta de melindre, respondeu tranquilo:

– Natural que o teu sofrimento se revele o maior que possa existir no planeta, meu caro Pietro, porque ele é teu, sendo merecedor de toda a minha consideração. Todavia, a minha experiência de vida difere completamente da tua, por ter sido educado dentro de padrões voltados aos exercícios dos nossos potenciais espirituais de forma completamente racional, buscando, diante da dificuldade, não apenas me “agarrar” a este ou aquele recurso, mas sim entendendo racionalmente o porquê do sofrimento; além, é óbvio, de trabalhar para minimizá-lo ou exterminá-lo de vez, em caráter consciente, buscando fazer

a parte que me compete com respeito ao exercício continuado do perdão, lastreado na prece e, acima de qualquer coisa, confiando em mim e no Nosso Criador.

Não tenho qualquer pretensão de torná-lo espírita, mas, da minha parte, procurar tão somente praticar os ensinamentos máximos do Cristo, que buscou sintetizá-los, visando a facilitar a nossa escalada evolutiva, quando disse: amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Ora, se não fizermos coisa alguma pelo semelhante que sofre, que valor terá essa preciosa máxima de Jesus? Mantê-la nos lábios e longe do coração é continuar falseando a nossa condição de espírito, mantendo-nos no comodismo milenar de nada fazer que não seja apenas para nós e para aqueles com os quais mantemos um bom nível de relacionamento.

Foi exatamente por isso que Jesus nos advertiu, e o apóstolo Mateus registrou no Capítulo 5, entre os versículos 43 a 48, com os quais eu gostaria de me estender um pouco mais. Dizem, pois, o seguinte: Ouvistes o que foi dito: amarás ao teu próximo e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial! Entende, agora, alguns dos valores que movimentam a minha existência, Pietro?

Confesso que fiquei sem palavras. Procurando disfarçar a minha completa ignorância e desatenção para os tópicos relativos à vida e à espiritualização do ser, respondi apenas com um sim, movendo levemente a minha fronte. Mas o Dorival, olhando-me com profundo respeito e procurando me tirar daquele constrangimento, informou-me:

– Pietro, já chegamos! Em pouco tempo, muitos desses pontos que estivemos tratando ficarão mais claros para você. Mantenha-se sereno e procure confiar nos teus potenciais. O Senhor não somente nos entende, mas também, em todos os instantes de nossas existências, nos atende. Sigamos!

## CAPÍTULO XVI

## SEM GRANDES INTERESSES

A sala, simples, mas de boas proporções, era dividida em três ambientes por divisórias com biombos. Ela já se encontrava com os participantes responsáveis pelo trabalho assistencial, além de uma dezena de pessoas, as quais seriam atendidas tanto quanto eu, conforme o amigo Dorival me informou.

Ordenadamente, as pessoas eram chamadas para uma pequena entrevista em reservado. Na minha vez, pude relatar sucintamente a vivência do meu drama, sendo-me recomendado, além da terapia, a prece com regularidade diária, o exercício continuado do perdão e a implementação do Evangelho no lar. Também me solicitaram refletir na possibilidade de, num horário confortável para mim, contribuir num serviço voluntário, o que poderia ser iniciado com a visita a orfanatos ou mesmo a instituições de repouso para os nossos irmãos de idade avançada e com a vida solitária.

Ouvi com respeito as recomendações; todavia, absolutamente coisa alguma do que me fora recomendado pelo educado cavalheiro que me atendeu me motivava a qualquer mudança de atitude.

Logo após a entrevista, fomos convidados a seguir para o segundo ambiente. Ali, uma pequena palestra se realizava, em que o orador da noite discorria sobre algumas passagens do Novo Testamento, baseado em um dos livros de Allan Kardec, intitulado O Evangelho segundo o Espiritismo.

Apesar do brilhantismo, da emoção e da profundidade que o tema foi abordado nos seus vinte minutos, eu, que me encontrava ligado mentalmente aos meus problemas, dispersei com eles durante grande parte do tempo, não dando maior atenção ao que estava sendo proferido na palestra. Diante de tudo aquilo que presenciava, amparava-me, na verdade, nos meus valores céticos, achando, em determinados instantes, que alguns itens ali apresentados estavam muito mais em condições utópicas, sem qualquer embasamento científico.

Esse posicionamento se intensificou quando fui direcionado para a terceira sala. Ali, foi-me aplicada a chamada fluidoterapia que, honestamente falando, tal

como pude observar, tratou-se apenas de uma jovem que, posicionada à minha frente, fez uma imposição de mão direcionada ao topo da minha cabeça. Não houve qualquer toque. Alguns segundos depois, talvez trinta ou quarenta e cinco, eu era despedido com um “vá em paz, nas vibrações amorosas de Jesus”.

Saí tal como entrei naquele ambiente; ou seja, apesar de respeitoso, em nada aquilo parecia ter acrescentado, em nada reduzido a dor superlativa que sentia diante de todos os acontecimentos nefastos da minha infeliz existência.

Foi quando eu novamente fui surpreendido pelo Dorival. Enquanto eu vivenciava os meus próprios colóquios mentais, o meu amigo muito cautelosamente me retirou deles, dizendo:

– Sinto que você ainda não permitiu que a assistência prestada pudesse ser absorvida racionalmente, embora sempre recebamos o auxílio, por mínimo que seja, porque o Senhor das nossas vidas não exige que aceitemos a Sua existência para nos atender em nossas reais necessidades; até porque Ele sabe o que e quando é melhor. Assim, Ele nos dá o alimento que supre todas as nossas deficiências, que é o Seu infinito amor.

Meio sem jeito, mas usando de franqueza, respondi:

– Sendo honesto contigo, Dorival, todo esse aparato e a boa vontade dessas pessoas em nada me motivaram diante da carga infinita de problemas que eu carrego. Creio que as recomendações, simplórias, na minha opinião, não farão grandes modificações nesse quadro em que encontro...

– Compreendo e respeito o teu ponto de vista, Pietro. Entretanto, penso que as tuas análises poderão ser validadas após uma profunda inserção na matéria, através do estudo continuado, da pesquisa séria e isenta de concepções preconcebidas, já que o pesquisador sério e atento procura observar, de forma direta, todos os detalhes da ciência nova que se lhe apresenta.

Confesso que ruborizei diante das minhas colocações antecipadas; porém, o Dorival, sendo uma pessoa compreensiva e bondosa em seu tratamento, me retirou com simplicidade daquela condição ao dizer:

– Gostaria de presenteá-lo com um exemplar de O Evangelho segundo o Espiritismo, para que você possa, num momento do teu interesse, ler, estudar e meditar sobre as suas lições. Com certeza absoluta, muitas respostas ou

direcionamentos surgirão para a tua vida, meu caro Pietro. E, diante dos problemas que lhe assaltam a existência, os quais você classifica como de uma carga infinita, aproveito para lhe sugerir, especialmente, a leitura do Capítulo VI dessa obra, cujo título é “O Cristo Consolador”, enfocando adequadamente os dois itens iniciais do capítulo os quais recebem o subtítulo de “O Jugo Leve”. Tenho certeza, repito, que essa obra lhe será de grande serventia não apenas para esses momentos de dor pelo qual você vem passando, mas, principalmente, para a reordenação da tua existência, ou melhor, da tua vida, posto que essa, sim, é eivada de existências.

Agradei o regalo que o amigo me entregou carinhosamente dizendo-lhe que procuraria estudá-lo para comentários futuros. No fundo, porém, apenas pensava em ganhar tempo, já que a leitura não me despertava grande interesse.

## CAPÍTULO XVII

## ASPECTOS RACIONAIS

Por alguma razão que eu desconhecia, naquela mesma noite da assistência pude dormir um pouco mais tranquilo por algo em torno de três horas. A madrugada ia alta, quando despertei com o ruído de um carro que passava pela rua tirando-me literalmente dos braços de Morfeu.

Foi o suficiente para que retornassem as minhas lembranças, as preocupações com o que havia ocorrido até então, os problemas relacionados aos negócios e, ainda, o futuro que se desenhava sem qualquer perspectiva de melhora. Sem conseguir conciliar o sono novamente, fui até a saleta de leituras onde havia deixado o livro com o qual o Dorival me presenteara.

Procurei me acomodar da melhor forma possível numa poltrona que havia ali e, abrindo o livro ao acaso, sem qualquer pretensão que não fosse aquela de forçar mais algumas horas de sono, me deparei com o Capítulo XII, cujo título, em letras garrafais, dizia “Amai os vossos inimigos”. Confesso que fiz uma leitura rápida dos primeiros itens, até me deparar com o de número 5 - “Os inimigos desencarnados”.

Apesar do meu total desinteresse pela matéria religiosa, as observações do autor apresentavam um alto grau de sensatez e racionalidade. Li e reli, pois, inúmeras vezes os pontos abordados, antes de avançar para as próximas páginas. Comecei a considerar que as pessoas que se mostravam tão idôneas e interessadas nos meus problemas, sem qualquer relação outra que não fosse a de me auxiliar naquele drama, a começar pelo próprio Dorival, mas também incluindo o Jorge e a sua equipe, enfim, todas aquelas pessoas não poderiam se envolver com aquela matéria contida naquele livro pura e simplesmente por fanatismo, por uma concepção desprovida de raciocínio lógico, sem que houvesse, enfim, algo de real dentro de tudo aquilo que professava.

Com efeito, todas elas demonstravam tamanho equilíbrio e compreensão diante das minhas explanações e mesmo das manifestações daqueles chamados comunicantes espirituais, que comecei a desconfiar que a telepatia, a dupla personalidade, os traumas mentais e emocionais de fato responderiam diversas

questões experimentadas por muitas pessoas. Em parte, sim, mas seguramente os aspectos psicológicos do ser não responderiam as questões de forma absoluta em todas as circunstâncias.

A partir desse instante, meus pensamentos entraram num verdadeiro turbilhão de questionamentos. Questionava, justamente, as ocorrências oníricas, os ruídos nas casas anteriores e mesmo nesta em que eu residia atualmente, as enfermidades fatais dos meus dois filhos além dos problemas psiquiátricos acentuados das minhas filhas, os meus negócios, que andavam na contramão do mercado que se expandia, e o meu relacionamento arruinado com Isabel, essa que sempre fora a musa inspiradora da minha vida. Tudo isso, afinal, deveria ter obrigatoriamente uma explicação racional. Quem sabe aquelas considerações relacionadas à reencarnação e aos prejuízos por mim causados às entidades, ou pessoas que agora viviam em outra dimensão, seriam mesmo reais? Seria isso de fato possível?

Tão logo amanheceu e o horário se mostrou conveniente, decidi telefonar para o Dorival para lhe dirigir as minhas dúvidas. Iniciei saudando-o, mas rapidamente o amigo percebeu a minha disposição um tanto renovada para a matéria que, antes, eu negligenciara. Perspicaz como sempre, deu-me respostas sem que eu formulasse as perguntas, talvez por serem elas muito básicas diante do seu conhecimento:

– Fico extremamente feliz, meu caro Pietro, com a tua disposição de se abrir para os aspectos da espiritualidade procurando, gradativamente, conhecê-la dentro dos parâmetros possíveis do nosso estado evolutivo.

Continuarei acompanhando-o nas terapias que lhe estão sendo ministradas. Podemos, logo mais à noite, iniciar o culto do Evangelho no seu lar, se o dia for conveniente; o horário é você quem decide! Em relação à efetivação do serviço voluntário, no sentido de colocarmos em prática os ensinamentos redentores do Evangelho, a Margarida, minha esposa, é responsável por um lar de órfãos, sendo também agora, auxiliada pela nossa querida Berenice. Mantemos esse lugar há um longo tempo na nossa cidade, obviamente, sempre necessitando de pessoas bem-intencionadas para fazerem parte desse trabalho gratificante.

– Orfanato, Dorival? Eu sequer suspeitava...

– Sim, meu amigo. Não foi o próprio Cristo que nos ensinou a não vivermos

apenas em teoria, através de Seus exemplos de serviço ao próximo? Não foi Ele, também, que nos orientou, conforme o registro de Mateus 25:34 a 40, ao trabalho, à caridade? Disse Ele: Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos do meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo, porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro e hospedastes-me; estava nu e me vestistes; adoeci e visitastes-me; estive na prisão e fostes me ver”. Então os justos lhe responderam dizendo: “Senhor, quando te vimos com fome e lhe demos de comer, ou com sede e lhe demos de beber? E quando te vimos estrangeiro e te hospedamos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos te ver”? E, respondendo o Rei, lhes disse: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”!

Logo, meu caro Pietro, não precisamos de maiores orientações para entendermos que todo o bem que fizermos a outrem, estaremos fazendo para nós mesmos. É a lei maior de Causa e Efeito ou, mais simplesmente, que todos nós, sem exceção, colheremos exatamente aquilo que plantamos, sempre de acordo com a justiça divina. O que me diz?

– Dorival, para não tomar mais o teu precioso tempo, lhe digo que, sem dúvida alguma, iniciaremos esta noite o Evangelho no lar.

– Ah, Pietro, o que é o tempo quando se trata da nossa imortalidade? Nos veremos logo mais, meu amigo!

## CAPÍTULO XVIII

## UM VISITANTE DIFERENTE

No horário acordado, Dorival compareceu em casa na companhia de sua esposa, Margarida, pessoa que se mostrou, tal como o novo amigo, extremamente simples e polida no trato com os outros, transpirando uma humildade realmente envolvente.

Sentamo-nos de modo confortável e iniciamos a reunião seguindo as indicações do amigo: uma prece seguida da leitura de um trecho da “Introdução” de O Evangelho segundo o Espiritismo, que versa sobre o objetivo da obra. Segundo o Dorival, nessas reuniões, o melhor é fazermos o estudo sistematizado do Evangelho, desde a sua introdução.

Tecemos, pois, alguns comentários do trecho lido, cada um de nós conforme o seu entendimento. Logicamente, as abordagens do Dorival e da Margarida foram sintéticas, mas profundas nos conceitos exarados. Logo após, dirigimos as nossas melhores energias para a paz do mundo, para os familiares e nossos lares, e encerramos com uma prece proferida pela Margarida, externando uma emoção que contagiou a todos.

Por indicação do amigo, fizemos uso da água que colocamos para ser magnetizada pelos mentores espirituais durante a reunião. Por curioso, a porção a mim reservada exalava o odor e o sabor de um medicamento. Isso foi logo explicado pela Margarida. Tratava-se da possibilidade de os mentores fazerem uso de substâncias da dimensão em que operam depositando na água, por exemplo, ou mesmo a própria energização do ambiente, em uma verdadeira transferência de energias espirituais. Tanto no caso de uma substância da dimensão espiritual energizando o ambiente como também, quanto no da fluidificação da água, ambos os recursos são possíveis em termos de tratamento, e no caso específico da água, sendo ela o melhor condutor de energias que se conhece no plano dimensional ao qual estamos afeitos enquanto reencarnados, este benefício é consideravelmente enorme.

Encerramos, então, o nosso encontro em clima de muita alegria. Tão logo o casal se retirou, decidi me recolher ao leito mais cedo, envolto num grau de felicidade

que jamais sentira.

Adormeci rápido, mas, para a minha surpresa, vi-me fora da organização somática. Então, uma pessoa, para mim desconhecida, apresentou-se me cumprimentando:

– Que a paz do Nosso Senhor e Mestre permaneça em nossos corações, meu irmão Pietro!

Entre a surpresa e a curiosidade, perguntei:

– Desculpe, o senhor é...

– Apesar de os nomes não terem a menor importância, digo-lhe que posso ser chamado de José. Na verdade, Pietro, para que eu me faça mais claro nesta minha identificação, sou o encarregado por acompanhá-lo nesta presente existência, na qual as provas redentoras se apresentam para você como fatores de revisão e de mudança de rumo tanto em relação à tua própria existência quanto à daqueles com os quais você presentemente se relaciona.

Convivemos, durante certo tempo, em relação comum, quando da tua existência no século XIII. Naquela ocasião, a minha função era a de simples tratador das montarias utilizadas na tua propriedade. Hoje volto, e desde o início desta tua presente reencarnação, tenho acompanhado o desenrolar dos fatos, procurando, através das inspirações diretamente a você e com a assistência de mentores mais especializados, a implementação de situações específicas bem como a inclusão de pessoas no teu caminho.

– Não querendo interromper, mas já interrompendo, o senhor seria uma espécie de anjo guardião?

A entidade sorriu bondosamente e respondeu:

– Não estou nesta posição, meu caro Pietro. Sou apenas um servidor do Cristo em trabalho voluntário junto a você. Conforme lhe disse, tenho tão somente a responsabilidade de auxiliá-lo e dentro do possível.

– Mas o senhor estava exatamente onde até este momento, diante de todo o sofrimento que me foi imposto?

– Trabalhando para que o teu despertar pudesse ocorrer e procurando evitar que você saísse desta existência pela porta infeliz do suicídio. Todavia, Pietro, nós, os encarregados de protegermos e orientarmos os nossos assistidos, não somos mordomo deles, tampouco senhores que buscam limitar a liberdade dos nossos pupilos.

Nossa assim chamada interferência, limitada, obviamente, pelo uso do livre-arbítrio do protegido, está voltada aos avisos através de situações e de pessoas, uma vez que, conforme sabemos de há muito, Deus atende as Suas criaturas através de Suas criaturas. Em outras palavras, você se lembra da feliz coincidência (como se elas pudessem ocorrer no universo do Nosso Senhor...) do encontro com o Dorival? Isso é um exemplo do nosso auxílio. O Dorival é, com efeito, o recurso que dispomos para auxiliá-lo nesta nova etapa da tua vida, que se abre para os devidos ajustes na relação infeliz e doentia que você implementou junto aos irmãos que hoje lhe cobram pelos excessos cometidos naquele antigo período da história.

– Senhor José, sou castigado, tanto eu como os membros da minha família, de forma cruel por demônios que sequer sei exatamente quem são...

– Inicialmente, Pietro, eles não são demônios, mas sim irmãos nossos, filhos do mesmo Pai, mas que procuram enganosamente fazer justiça excluindo as leis de Deus. Usam, para isso, conceitos arraigados em seus psiquismos, que trazem do período das ofensas mortais em relação aos corpos físicos que envergavam, cujo causador direto foi a tua ganância naquele momento, secundado por alguns dos seus familiares que hoje o acompanham na condição de filhos e filhas.

De todo modo, não estamos, aqui, com a proposta de revolver as feridas do passado, mas sim com a de alterarmos os rumos atuais, com vistas ao futuro de evolução e de luz para a vida de todos. Para isso, reforço, agora diretamente, o convite feito a você para o trabalho voluntário. Procure, Pietro, ingressar nele no menor tempo possível, a fim de que a lógica da vida e das Leis do Criador se façam materializadas na tua existência; até porque, conforme Francisco de Assis, um dos luminares da humanidade, nos ensinou em uma de suas preces, é dando que se recebe; é perdando que se é perdoado.

– Compreendo e agradeço, Senhor José. Porém, não tenho a mínima ideia por onde começar...

– Na realidade, você já deu passos importantes, mesmo com todo o descrédito na espiritualidade que ainda vai no teu íntimo. Fez progressos através das reuniões no grupo de assistência desobsessiva dirigido pelo Jorge, da participação na terapia fluidoterápica e da implementação do Evangelho no lar. Se posso lhe fazer, ainda, uma sugestão, que tal você servir inicialmente no orfanato dirigido pela nossa irmã Margarida?

– Ah, Senhor José, creio que a tua indicação é esplêndida! Mas como vou me recordar do nosso diálogo, já que vejo que o meu corpo está anestesiado pelo processo do sono natural. Este momento onírico, pelo menos para mim, poderá representar, na minha interpretação física, um fruto da minha imaginação fértil. Este nosso encontro poderá representar muito pouco, na verdade...

– Entendo o quer dizer, mas você se engana! Ao despertar, grande parte deste nosso diálogo não permanecerá de maneira consciente, porque o cérebro, que procede aos registros, é o do teu corpo espiritual. Ocorre que absolutamente tudo que tratamos aqui ficará registrado no teu inconsciente, surgindo-lhe, gradativamente, na forma de intuição. Com efeito, os itens mais importantes e motivadores deste nosso diálogo ficarão indelevelmente marcados, e você vai, seguramente, se recordar deles: a necessidade de continuar as terapias iniciadas, a inserção no serviço voluntário...

Por enquanto, fique em paz e, acima de qualquer coisa, confie nas tuas próprias possibilidades, para que a confiança possa se estender, depois, para o Senhor de nossas vidas. Ore, pedindo Sua assistência, e ela, como nunca nos faltou, nunca nos faltará. Fique em paz!

Ao se despedir, a figura daquele nobre senhor foi se esvanecendo. Eu, enquanto isso, despertei sentindo-me renovado, com o desejo firme de fazer alterações significativas na minha presente existência.

## CAPÍTULO XIX

## ALTERANDO POSICIONAMENTOS

Decidi, enfim, que eu tomaria um rumo diferente na vida; alteraria a minha descrença completa, iniciando com o pedido de perdão aos meus supostos desafetos. Verdadeiros ou não, o que eu perderia com isso nesta altura dos acontecimentos? Diante de situações tão difíceis de serem negadas, pelo menos aparentemente, em relação ao plano assistencial no qual eu estava inserido, conscientizava-me de que estava sem forças para continuar lutando sozinho.

Assim o fiz, então. Iniciei rogando perdão às pessoas que eu havia prejudicado, estivessem elas em qualquer dimensão, expressando esse pedido do fundo do meu coração, já estraçalhado pelo sofrimento em ver uma família destruída diante da minha total impossibilidade de fazer coisa alguma positiva por eles. Não sei exatamente o tempo em que permaneci naquele estado de oração sincera. Isso, para mim, um materialista convicto até então, era, seguramente, algo inédito, em especial, pela profundidade que alcançaram as minhas rogativas.

Senti-me como se estivesse em outro ambiente, transportado para uma dimensão onde os limites do meu aposento não mais existiam ou estavam fora da minha organização fisiológica. Eu já tinha lido, certa vez, a respeito da prece e da meditação, mas o fiz sem muito interesse. Constatava agora, porém, a capacidade de esses recursos repercutirem de forma particular na oxigenação do cérebro, dando-nos a impressão de não estarmos realmente no local em que tínhamos nos instalado fisicamente.

Então, achei por bem não ficar apenas teorizando sobre o assunto, assumindo que deveria aproveitar ao máximo aqueles instantes de profundo deleite tão raras vezes experimentados. Como me encontrava ainda deitado na cama, acabei adormecendo suavemente. Mas foi o suficiente para divisar à minha frente a figura daquele comandante que sempre vinha ao meu encontro.

Desta vez, ele se apresentava um tanto menos colérico, porque me falou de forma menos áspera:

– Você pede perdão por tudo o que nos proporcionou de mais cruel; todavia, se tal ocorresse com a tua família diante dos teus olhos, provavelmente a tua posição não seria diferente em relação a procurar justiça pelos danos irreparáveis que nos foram impostos. Não consigo, ou melhor, não posso te perdoar, porque a dor, não do cutelo que foi aplicado na minha cabeça nos momentos finais da minha existência, mas sim a dor de ver os meus filhos, a minha esposa e alguns funcionários, incluindo também seus rebentos, todos eles, enfim, serem sacrificados à sangue frio. Para mim, isso é simplesmente insuperável!

Portanto, faça o que você quiser, mas lhe garanto que você não vai se livrar da minha presença justiceira. Hei de fazê-lo sofrer, dando-lhe na mesma medida aquilo que você me ofereceu! Liquidarei as tuas gêmeas e, depois, após assistir a todo o teu sofrimento, me incumbirei de você propriamente!

Ouvindo tudo aquilo, ajoelhei-me diante dele comovido. Por sua vez, com a descrição sintética realizada pelo meu interlocutor, abriram-se as imagens daqueles instantes fatídicos em que convivemos, tal como se eu viajasse no tempo para dentro de mim mesmo. Pude, então, divisar o drama de que ele tratava, observando-o na posição de mero assistente, mas que, curiosamente, vivia a sensação do momento, sendo-me possível conceber que, de fato, eu agira conforme o meu desafeto tinha indicado. As cenas eram de tamanha realidade e crueza que as lágrimas se fizeram espontâneas. Era realmente inacreditável que eu tivesse agido daquela maneira com os meus semelhantes.

Diante de tanta dor, lancei-me aos seus pés e lhe pedi clemência, não mais temendo os desdobramentos representados pelas suas ameaças, mas sim rogando para que o seu perdão atenuasse a minha consciência culpada e macerada por tudo o que havia vivido até aquele instante.

Ele se afastou rudemente. Virando-me, então, as costas, retirou-se do ambiente dizendo:

– Nunca você alcançará o meu perdão, sua víbora peçonhenta! A tua falsidade produz estas cenas. Elas realmente são dignas de um excelente intérprete!

Despertei com a face banhada em lágrimas e ainda repetindo que o meu pedido de perdão era o que de mais sincero eu tinha no coração. Perdi a conta do tempo em que fiquei chorando pelo ocorrido. Ao mesmo tempo, pedia para que Deus, ou alguma força maior existente no universo, me ajudasse a alterar aquele estado

em que me encontrava, a refazer os caminhos tortuosos traçados desde aquele período da história em que eu proporcionara tanta dor.

Tão logo me acalmei, senti que algo ou alguém me envolvia num abraço fraterno; talvez fosse uma energia emanada do universo, eu não saberia precisar exatamente. Isso, no entanto, me deu forças renovadas e um sentimento de paz profunda. Senti, então, que uma voz me dizia:

– Vá em busca do trabalho com o Cristo, em busca do serviço, que exercitará os teus nobres sentimentos! Procure, o mais breve possível, ingressar nas atividades gerenciadas pela Margarida, a esposa do Dorival. Não adie mais a complementação da tua terapia!

Não ouvi coisa alguma mais; porém, achei mesmo que o aviso poderia ser fruto da minha intuição. Fosse o que fosse, peguei o telefone na cabeceira da cama e fiz uma chamada para a residência do Dorival.

## CAPÍTULO XX

## ATTITUDES RENOVADAS

Assim que encerrei meu breve relato, o Dorival, sempre solícito, convidou-me a ir na instituição presidida pela sua esposa tão logo me liberasse dos afazeres do dia. Eu fui para o escritório, como de costume, mas carregando um verdadeiro fardo nas costas, já que a motivação para o trabalho, que já não rendia os frutos de tempos anteriores, se consistia agora, para mim, em outra prova a ser superada.

Ocorre que, por mais estranho que possa parecer, durante o trajeto, que eu muitas vezes percorria a pé, comecei a conversar comigo mesmo ou, talvez, com alguma mente que se colocava em sintonia com a minha. Curiosamente, ao pensar nos compromissos que me aguardavam, uma espécie de voz interior tentava me incentivar:

– Não esmoreça diante das atividades que te esperam, porque elas se constituem em verdadeira bênção disciplinar para você. A prática da paciência e da confiança está ali inclusa de forma tão sutil que muitas vezes sequer é percebida pelas pessoas. Muitas delas, aliás, enxergam o trabalho como uma espécie de castigo, procurando desvalorizá-lo, retirando os componentes práticos já mencionados, sem se darem conta de que todos eles fazem parte do processo evolutivo do ser.

O escritório, de onde você gerencia os negócios, é o último bastião a ser derrubado pelos nossos irmãos, que residem em profunda ignorância buscando se vingar pelos prejuízos de que foram alvo no passado. Caso eles alcancem os objetivos aos quais se propõem, não prejudicarão apenas você, mas também os seus funcionários e, conseqüentemente, os familiares deles.

Procurando, então, justificar-me para mim mesmo, ou achando que respondia para alguém naquele diálogo estranho, retruquei:

– Mas os negócios vão de mal a pior! Eu nem sei quanto tempo posso suportar os prejuízos que se acumulam...

Para a minha completa surpresa, recebi uma resposta imediatamente:

– Tua postura revoltada, por conta dos problemas pessoais, tem sido a ferramenta que, gradativamente, vem destruindo suas melhores relações na empresa, com reflexos diretos na administração que estabelece junto aos clientes e fornecedores. Ora, as pessoas não são responsáveis pelo teu sofrimento. Portanto, mude de atitude, a fim de que as pessoas possam também mudar; aliás, não serão exatamente elas que mudarão, mas sim a tua forma de vê-las, a maneira de se relacionar com elas.

Buscando outra vez me justificar, mas agora querendo transferir a responsabilidade para aquela mente que se comunicava comigo, falei:

– Ora, se você é real ou se esta realidade é fruto do meu inconsciente (já não sei mais o que pensar...), sendo muito honesto, onde você estava que não procurou me auxiliar antes?

A resposta não tardou. Contudo, ela veio de maneira diferente, como se partisse de um educador que se valia de um pouco mais de energia na orientação:

– Sempre do seu lado, Pietro, mas respeitando o teu ponto de vista! Você achava que o mundo circulava ao teu redor, que a tua vida e a dos teus familiares se limitavam a uma única e decisiva existência, que apenas os bens materiais e as aparências faziam sentido.

Nós nos encontramos, tanto eu como outros dos teus irmãos em Cristo, na posição de auxiliares e não como ditadores dos fatos da tua existência ou de mordomos dos teus interesses. E caso você queira o nosso auxílio, faça-nos o favor de permitir que ele se promova, dispondo-se a ele. Já aprendemos com o Nosso Mestre e Senhor que não se impõe coisa alguma para quem quer que seja, uma vez que Ele mesmo não nos impôs o Seu Evangelho; antes, deixou-o para que dele fizéssemos uso quando nos aprovesse. Pense nisso!

Não foi possível continuar esse monólogo ou, por que não admitir, diálogo, porque, ao chegar no edifício sede da minha empresa, o movimento já era enorme desde a portaria. Ali, via de regra, eu passava sem dar maior atenção aos funcionários da segurança e do controle do local, os quais, no entanto, me cumprimentavam. Nunca sequer retornei, ao menos por educação, suas saudações rotineiras. Mas decidi que faria diferente a partir de então.

Fui eu que, em atitude renovada, cumprimentei respeitosamente cada um deles. Já no elevador, fiz questão de saudar quem lá se encontrava, coisa que eu jamais fizera em toda a minha vida, quando passei o tempo tratando a maioria das pessoas literalmente como seres transparentes.

## CAPÍTULO XXI

## CONVITE AO EXERCÍCIO DO AMOR

Conforme havia decidido, ao final do expediente telefonei para o Dorival com o intuito firme de visitar a instituição dirigida pela sua esposa. O amigo informou-me, então, que ela já me esperava, mas que ele iria para lá também. Assim nos encontraríamos e conversaríamos um pouco mais.

Deixei a empresa dirigindo-me o mais rápido possível para o endereço indicado, o que, para a minha surpresa, não distava tanto do meu escritório. Chegando lá, fui recebido pelo casal e por Berenice, que já se encontravam a postos, e apresentado para as funcionárias.

Elas, muito zelosas, serviam o jantar para as crianças, as quais, de acordo com a Margarida, representavam setenta órfãos das mais variadas idades. Muitos deles, por estarem entre os dez e doze anos, não eram adotados, sendo vítimas do preconceito, não apenas pela idade, mas principalmente pela cor.

Essa era uma informação que distava dos meus interesses até então. De fato, eu havia dedicado toda a minha atual existência em defender os interesses da minha própria família e a da minha empresa, não dando qualquer atenção às criaturas que não fossem, a rigor, úteis para mim.

Continuei observando e constatando que as condições do local eram simplesmente impecáveis, tanto das instalações quanto de todos os itens, como os uniformes dos funcionários e as roupas usadas pelas crianças. Convidado a conhecer o berçário, tocou-me profundamente ver o número de bebês que lá se encontravam. Um deles, em isolamento parcial, sendo um afrodescendente, chamou-me mais a atenção.

Margarida antecipou-se ao me ver mais tocado pelo infeliz quadro que se apresentava, e esclareceu:

– Esta garotinha, que apesar de estar com sete meses, aparenta apenas três, foi abandonada na porta da nossa instituição recentemente.

Por mais estranho que possa parecer, via de regra situações assim, pelo menos no

nosso orfanato, costumam acontecer. São crianças nos seus primeiros dias de vida, quando muito, que não ultrapassaram mais de um semestre. Encontramos essa pequenina numa manhã de chuva, enrolada em sacos de farinha. Estava num estado lamentável de magreza e de maus tratos. Porém, com a assistência dos nossos competentes pediatras, após a internação, necessária para os primeiros socorros, ela vem se recuperando bem.

O quadro da menina me tocou de forma diferenciada. Acostumado ao olhar de vencedor, os vencidos na vida, para mim, tinham muito pouca importância, para não dizer nenhuma.

Mas o Dorival, senhor de uma sensibilidade apurada, me tirou rapidamente daqueles devaneios dizendo:

– A tua presença entre nós, Pietro, é muito bem-vinda, porque o que nos falta são voluntários atenciosos neste serviço de tamanha importância. Nós nos responsabilizamos pela acolhida ao lar desses nossos queridos órfãos, mas eles deixam de sê-los à medida que não sejam adotados num curto espaço de tempo, porque, nesse caso, via de regra, costumamos registrá-los como nossos filhos, dando a todos eles os recursos para se tornarem cidadãos de bem num futuro próximo.

Na verdade, o nosso lar, meu, da Margarida e da Berenice, está praticamente transferido para cá. Procuramos nos dedicar a ele na condição de pais e educadores. Como temos a Berenice como herdeira direta, a outra parte dos nossos recursos nós transferimos para esses nossos filhos do coração. Até porque, de que vale todo o dinheiro do mundo, se ele não enxugar uma lágrima, não agasalhar um corpo com frio, não abrigar a criatura e, acima de qualquer coisa, não lhe oferecer educação, tanto no sentido do desenvolvimento do intelecto quanto no da educação espiritual?

– Considero muito nobre o trabalho assistencial que vocês prestam, meu caro Dorival, Margarida e Berenice. Contudo, sendo uma criatura prática como sou, noto que com muito pouco posso colaborar com a instituição, a não ser com recursos financeiros.

Dessa vez, foi Margarida quem se adiantou informando:

– Os recursos sempre são bem-vindos, Pietro, mas não são prioridade para nós, que utilizamos das nossas posses para a manutenção desta casa. O teu trabalho

conosco, com a dedicação que você demonstrou com a tua família, isso é o que mais importa! O que precisamos dar para esses nossos filhos é o carinho, transformado em atenção e amor. Tenho certeza que você conhece bem essa matéria.

– Honestamente, Margarida, gostaria que fosse uma verdade incontestável isso que diz. Todavia, sou hoje um homem falido diante da família e, se não alterar o rumo dos meus negócios, também diante da sociedade.

Dorival interveio neste instante, dizendo:

– De maneira alguma mantenha esse padrão mental contrário à tua natureza de um filho de Deus! Teus potenciais estão em desenvolvimento, meu caro Pietro. Considere que as construções que fez, se não foram perfeitas até o momento, poderão ser alteradas de modo consciencial. Se estávamos agindo automaticamente até bem pouco tempo atrás, uma vez despertados para a nossa realidade, cabe-nos refazer as estruturas psíquicas necessárias e caminhar para frente, porque o futuro da criatura consciente é desenhado somente por ela mesma.

Não mantenha a lamentação, que apenas faz com que você continue vivenciando o passado, atravancando as realizações no presente e comprometendo o porvir. Acima de qualquer coisa, ânimo meu amigo! É exatamente com ele, na aplicação no trabalho em favor do bem, que todos nós despertaremos para a luz, para a vida real de filhos de Deus, irmãos e irmãs uns dos outros. Está à tua frente, Pietro, a oportunidade de redenção. Portanto, não permita que ela escape entre os dedos. Através deste trabalho de amor ao semelhante, um amor completamente desinteressado, é que abrimos o nosso coração.

Como exemplo, tanto eu como a Margarida e agora a Berenice, nos abrimos para a realidade da vida, compreendendo-a e percebendo que a nossa condição neste planeta é a do aluno que precisa cursar a escola do amor aos seus semelhantes. Esperamos que o bem, em forma de serviço ao próximo, isso, enfim, que nos tocou, também possa tocá-lo, porque é dessa forma que nos conscientizamos de que somos espíritos na escalada rumo à perfeição possível diante do Criador. Então, lhe pergunto: pronto para a tarefa?

Um tanto acanhado diante de amigos tão abnegados, apesar das dúvidas em relação a mim mesmo e, como consequência, em Deus, respondi:

– Sim... Que Deus me ajude!

Dorival, sorrindo, completou:

– Ele, com certeza, já está ajudando, Pietro, inclusive no teu processo de identificação do imensurável amor Dele por todos nós, pois gradativamente você toma consciência disso e se permite envolver.

## CAPÍTULO XXII

## MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Junto ao casal amigo e a sua filha, convenci-me, de fato, de que poderia fazer algo pelo meu semelhante dedicando-me diretamente e, com isso, aumentando a minha sensibilidade. Não mais seria apenas aquele tipo de caridade tão mencionada que eu praticara, com doações realizadas pela minha empresa, a qual se dava sempre no intuito de angariar o respeito da coletividade e os benefícios juntos aos órgãos governamentais, reduzindo a carga de impostos.

Apesar de ser esclarecido pelo Dorival de que era melhor fazer algo pelo semelhante, mesmo interessado, do que nada fazer, sentia que essa atividade me serviria até mesmo para não ocupar as horas apenas com o trabalho, uma forma, aliás, de fugir dos problemas que me assaltavam. Eu vivia entre a empresa e a visita às minhas filhas na clínica psiquiátrica. Essa rotina certamente reforçava o meu ponto de vista, segundo o qual eu estava sendo literalmente castigado em vê-las num estado idêntico: sem qualquer melhoria no quadro enfermício, apesar da terapia aplicada.

No meu caso, o psiquiatra que me atendia, o mesmo que acompanhava as minhas garotas, vendo que o meu quadro melhorara sensivelmente, reduziu parte da medicação de que eu fazia uso, dando-me maior autonomia para administrar os problemas que me desafiavam. Isso me fez um bem enorme! Sentia-me menos dependente, apesar de ser auxiliado por ele nos momentos mais significativos, frente às dificuldades que se avolumavam sobre a minha cabeça.

Curioso foi notar que, por mais estranho que pudesse parecer, toda essa melhoria pareceu exponenciar-se após algumas semanas de serviço voluntário no orfanato. Eu procurava chegar um pouco antes de ser servido o jantar para as crianças; e isso não só para atendê-las com a alimentação, mas principalmente para auxiliar na sua higiene, nos cuidados, enfim, necessários antes de colocá-las para dormir. Dedicava-me principalmente na área onde se encontravam os bebês, com destaque particular para aquela menina afrodescendente, que fora registrada pela instituição com o nome de Lourdes.

A criança passou a exercer certo fascínio sobre mim. Se eu estivesse com a

minha vida regularizada junto à Isabel, de quem, aliás, eu não desistira, sempre na expectativa de retornar o relacionamento; não fosse isso, eu adotaria a menina sem qualquer sombra de dúvida.

De todo modo, também é fato que toda essa melhoria no meu bem-estar geral estava relacionada à assistência espiritual que eu continuava a receber através do grupo coordenado pelo Jorge e da instituição onde a terapia fluidoterápica me era aplicada em caráter contínuo. Minha dedicação fortemente disciplinada, no sentido de não me permitir faltar aos encontros, por mais que situações intrincadas surgissem de surpresa, perto da hora de me dirigir para as mencionadas assistências, isso devia contar bastante para o processo.

Consultando o Dorival a respeito, ele me informou que esses aspectos eram considerados normais, especialmente no meu caso, funcionando como verdadeiros testes disciplinares. Importava, no fim, conferir se eu saía da mesmice de uma vida voltada apenas para os interesses imediatistas, aliado, ainda, a verificar a minha resistência à força que os meus desafetos do passado faziam para eu não dar continuidade aos meus planos de mudança, o que parecia incomodá-los fortemente.

Era assim, pois, que as semanas pareciam voar. Dividia-me entre o trabalho, as visitas às minhas filhas, as atividades assistenciais e o serviço voluntário em que eu estava de fato engajado, agora não mais com o interesse pessoal quanto a diminuir os desconfortos da minha vida, mas sim com a motivação de estar servindo em causa muito nobre, fazendo o meu melhor pelo semelhante.

Essa visão um tanto alterada da minha parte, coincidência ou não, passou a surtir efeito positivo junto aos meus clientes e fornecedores. Alguns dos profissionais mais próximos a mim chegaram a comentar a mudança de humor que se operara nas minhas tratativas, tornando o relacionamento comigo muito mais fácil.

Mas se, por um lado, as coisas pareciam melhorar, por outro, os ataques dos meus cobradores se intensificavam no período noturno. Meus sonhos eram invadidos por aqueles seres, principalmente o tal comandante, que me ameaçava de todas as maneiras possíveis, impingindo-me o terror e, com isso, tentando estimular a minha desistência da vida. Confesso que, frente aos problemas normais do dia a dia, os meus desafetos alcançavam certo resultado, porque eu realmente me deixava abater, somente conseguindo superar o estado de desânimo quando me encontrava no orfanato, servindo, de alguma maneira,

aquelas crianças.

Margarida, sempre solícita e observadora, convidou-me a assumir, em caráter regular, o trabalho junto ao berçário, em virtude de um dos voluntários ter se mudado de cidade por questões de trabalho. Eu exultei com a notícia!

Considerarei, de imediato que, dessa forma, eu poderia ficar mais perto da Lourdes, aquela criaturinha frágil que me tocara as fibras mais íntimas de forma inexplicável. No linguajar comum, aqueles bebês desmanchavam o meu coração, transformando-me tão significativamente que, em muitas oportunidades, via-me com os olhos úmidos diante de tanta fragilidade e ternura daquelas almas que reiniciavam a jornada terrena, conforme as palavras do casal amigo.

## CAPÍTULO XXIII

## ASAS DO AMOR

Particularmente, comecei a me interessar por algumas religiões orientais após a releitura de O Evangelho segundo o Espiritismo, livro presenteado pelo Dorival. Minhas investigações voltavam-se para os aspectos reencarnatórios inseridos naquelas religiões, aliadas, ainda, às pesquisas que vinham sendo realizadas por alguns cientistas, pessoas corajosas que muitas vezes colocavam o seu status quo em risco diante da própria comunidade, que mantinha intactos os conceitos de existência única, dando continuidade à visão mecanicista ou cartesiana do processo da vida.

Eu, que me mantivera um cético de marca maior durante tanto tempo, aos poucos era surpreendido pelas ideias novas através das pesquisas sobre conhecimentos ancestrais, os quais eram desprezados por interesses variados do poder. Obviamente, então, as minhas opiniões eram aos poucos alteradas, mediante o estudo continuado e as experiências do meu serviço voluntário no orfanato. Ali, inclusive, em determinadas ocasiões, algumas crianças se manifestavam com opiniões ou questionamentos próprios de adultos, demonstrando conhecimentos ou posturas diante de situações inusitadas.

Eu já havia estudado sobre as possibilidades de essas mesmas crianças adentrarem em aspectos da sua personalidade anteriormente vivenciada, em virtude de a reencarnação estar em processo, segundo a literatura Espírita<sup>1</sup>. Com esta, é preciso dizer, encontrei explicações mais aprazíveis e diretas para o fato, segundo as quais até mais ou menos os sete anos de idade o Espírito está em fase reencarnatória. Por isso, então, determinadas recordações dessas outras experiências se manifestarem.

Mas enquanto eu procurava me aprofundar nesses estudos, os achaques que recebia dos meus desafetos à noite, durante o meu estado onírico, tornaram-se diferentes. Agora o interesse deles também versava sobre temas como a continuidade da vida, a reencarnação, a comunicabilidade possível com aqueles que nos precederam na pátria espiritual, o livre-arbítrio, a evangelização do ser e outros aspectos de rematada importância.

Numa das aparições do comandante da turba, ele, satirizando-me, disse que saber antecipadamente aspectos da vida na dimensão paralela era de uma importância fundamental para mim, porque eu conheceria teoricamente o que me esperava na prática, quando eu me transferisse em definitivo para lá. Estaria eu, claro, segundo ele, em seu total poder e controle.

Honestamente, não me amedrontei com a ameaça, quando me recordei daquele sonho real. Mas algo em suas palavras me chamou a atenção. Tratava-se da situação em que se encontravam os meus filhos.

Meus questionamentos, e até as minhas preocupações, não tardaram a ser esclarecidas ou minimizadas. Em um desses desdobramentos através do sono natural, durante os quais eu cada vez mais me mantinha consciente, tendo uma recordação razoável do que se passara após o despertar, encontrei-me com o Senhor José, o qual, aliás, eu passei a considerar como o meu mentor.

Em questionamento direto a ele a respeito dos meus dois filhos desencarnados, que poderiam estar sob o guante do grupo vingador, fui devidamente esclarecido pela sua bondade:

– Pietro, meu irmão, o Senhor não é carrasco dos Seus filhos. No Seu imensurável amor, atende a todos com imensa misericórdia. Os seus dois rapazes encontram-se numa instituição assistencial no nosso plano, recuperando-se dos vincos enfermigos mantidos pela mente em desalinho durante o período em que estiveram subjugados. Estão sendo devidamente preparados para a reencarnação, num futuro próximo, junto a esses mesmos irmãos que hoje se postam como obsessores, mas que, um dia, ascenderão à conscientização de que todos nós necessitamos: conjugar o verbo perdoar.

– Mas, Senhor José, fui informado pelo comandante da falange que nos obsidia de que eles foram feitos prisioneiros...

– A mentira é uma arma bastante comum na metodologia da vingança, Pietro, e muitas vezes, eficaz, causando pânico nos incautos. O nosso irmão, durante certo tempo, utilizou-se desse instrumento para criar embaraços maiores junto a você. Mas você precisa despertar para a realidade do amor do Cristo!

Veja que não existe espaço no universo para a vingança continuada. Se o erro aconteceu, uma vez conscientizados dele, passamos para a condição de reparo do mesmo. Para isso, nada melhor do que o exercício do amor ao próximo nos

instantes mais simples e desinteressados do nosso trabalho no bem. O importante é que estejamos atentos ao ensino do Cristo: vigiai e orai. Vigilância dos nossos pensamentos em desalinho, para que não se tornem ações, e trabalho constante no bem. Esses são os elementos primordiais do processo, sendo a prece a ligação e o sustentáculo do Senhor, a fim de que continuemos realizando o melhor para a nossa vida e a do nosso semelhante.

Em resumo: coloque o seu foco no amor, porque ele será não apenas a solução das questões intrincadas na tua existência, mas, acima de qualquer coisa, a alavanca para a solução definitiva dos problemas de relacionamento que hoje te assaltam, dando-lhe, em paralelo, as asas que vão lhe ajudar a alçar o voo da evolução rumo ao Criador.

---

[1 O autor espiritual se refere à obra de André Luiz, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, intitulada Missionários da Luz, lançada pela FEB - Federação Espírita Brasileira, cuja 1ª edição se deu em 1945 \(Nota da Editora\).](#)

## CAPÍTULO XXIV

## CONSIDERAÇÕES CONSCIENTES

Não foi muito longa a espera de uma visita do comandante da falange que perseguia a mim e aos membros da minha família, com a honrosa exceção da Isabel. Em sonho/pesadelo, desdobrado que estava da minha organização fisiológica, algo de inusitado ocorreu. A postura do comandante não mais era a de um cruel vingador. Havia até mesmo certa complacência no seu olhar, que depois foi sendo alterada à medida que se dirigia a mim nestes termos:

– Você é uma serpente artilosa, demônio dos infernos! Com aquele grupinho de carolas, está pretendendo destroçar as minhas fileiras, retirando, bem debaixo do meu nariz, companheiros de luta de fundamental importância no meu processo de justiça aplicado a você e à tua família. Aliás, dois dos teus são nossos prisioneiros, ao passo que aqueles travestidos em garotas agora se encontram mais para o meu lado do que para o teu. Saberemos aplicar também neles, ou nelas, se preferir, o castigo adequado, fazendo você pagar pelos erros que cometeu, maldito genocida!

Não sei exatamente o que me passou pela cabeça naquele instante, porque, tomando coragem que às vezes eu duvidava ter, repliquei:

– Sei que tenho para contigo e parte dos teus uma dívida de enormes proporções, mas não posso ficar estacionado naquele período da história, onde eu agia de maneira inconsequente. Por isso mesmo, encontramos-nos em situação diferente neste presente momento: você, na condição de cobrar pelos danos sofridos, o que, na tua forma de pensar, é até justa, e eu, que não me encontro mais na condição de algoz ou de contendor, mas sim na de consciente de que preciso lhe pedir perdão.

Eu entendo que isso, no presente momento, é de uma dificuldade atroz para você, dados os danos que lhe impetrei. No entanto, caso a minha redenção não seja possível junto a você e aos teus, saiba que eu continuarei trabalhando pela minha renovação, procurando fazer todo o bem que me seja possível, valendo-me de qualquer recurso positivamente alcançado por mim, os quais vou transferir a você e ao grupo que lhe segue o direcionamento.

– Mentiroso! Você mente! Conheço o teu perfil miserável, que esconde por trás da pele de cordeiro o lobo sanguinário que é e sempre foi. Mas eu esmagarei a tua cabeça como se faz com uma cobra venenosa, fazendo o mesmo com todos aqueles que te rodeiam, apesar dos teus intentos ardilosos que venho acompanhando.

Essa tua postura de carola bonzinho junto aos grupinhos que você frequenta não me convence, tal como aconteceu com alguns componentes das minhas fileiras. Saiba, todavia, que na mesma medida que alguns desertam, outros nos são agregados por interesses similares, trabalhando conosco em regime de trocas.

Você não sairá ileso só porque anda com essa conversinha sobre Jesus, estudos estes ou aqueles. Isso aí, aliás, serve tão somente para o teu conhecimento daquilo que te espera depois do túmulo, conforme já te informei antes. Na verdade, será excelente encontrá-lo consciente, para que você receba a aplicação das medidas justas, incluindo, nesse teu flagelo, a visão dos teus dois filhos, que não passam de objetos nas minhas mãos.

Sem que eu me colocasse como seu opositor, respondi:

– Independentemente do que você faça, saiba que continuarei a orar por todos e pedir o teu perdão, materializando as minhas súplicas e o meu pedido no serviço em favor do semelhante. Nada mais temo por aquilo que poderá me acontecer, seja diante de você seja de quem quer que se apresente com o título de cobrador. Também saberei perdoar, através da minha dedicação efetiva no trabalho digno de cada dia e do voluntariado completamente desinteressado, somente visando a corrigir o rumo inadequado que um dia tomei na minha vida.

Considerando, ainda, que aquilo que me espera é a punição justa aplicada por você, saberei me submeter a ela, se essa for a vontade de Deus, e isso, inclusive, na companhia dos meus dois filhos, os quais você diz manter como prisioneiros, mas que nunca, uma vez sequer, os apresentou, qualquer um deles, para me provar que de fato estão sob sua posse.

Ele pareceu indignar-se verdadeiramente com as minhas palavras finais, porque, dando-me as costas, saiu vociferando:

– Volte para o inferno, que é o lugar de onde jamais você deveria ter saído! O fato de eu não lhe mostrar qualquer um dos dois é apenas para aumentar o teu sofrimento.

Decidi não ir à tréplica; antes, procurei apaziguar a situação no meu interior. Dessa forma, despertei recordando-me de absolutamente tudo e procurando entender como eu encontrara forças e argumentos para rebater as considerações do meu assim chamado desafeto.

## CAPÍTULO XXV

## A BENÇÃO DA INTUIÇÃO

Sendo ainda muito cedo, aguardei um horário conveniente para telefonar para o Dorival, apesar de a ansiedade invadir-me sensivelmente no sentido de conseguir alguma orientação a respeito do ocorrido durante aquela noite.

Quando telefonei, o Dorival pareceu estar esperando a minha ligação, talvez porque tivesse recebido as minhas ondas mentais em comunicação, ou mesmo algum amigo espiritual tivesse tido o ensejo de lhe adiantar uma parte do assunto. O fato é que, depois das saudações habituais, ele iniciou dizendo:

– Boas novas em relação ao nosso irmão que insiste na desforra, Pietro?

Achei melhor não iniciar com questionamentos um tanto infantis, do tipo “como você sabe”? Preferi enfocar os pontos que me despertaram maior curiosidade.

– Pois é, Dorival, durante o estado onírico, e segundo me recordo, salientando que a nitidez do fato permanece nas minhas lembranças, esse nosso irmão responsável pelo meu processo obsessivo me parece cada vez mais tranquilo, não de uma maneira geral, mas algo de fato parece ter sido significativamente alterado. Percebi que aquilo que dizia não coadunava integralmente com a vibração, as energias emanadas por ele.

– Pietro, vejo avanços consideráveis em você, destacando, primeiramente, essa tua postura, tratando-o como um irmão nosso, o que é de fato, quer ele esteja ou não equivocado diante das leis de Deus. Esse aspecto merece mesmo ser destacado, porque demonstra uma mudança de tratamento na relação desequilibrada com a qual vocês estiveram envolvidos. O segundo ponto, não menos importante, está relacionado às assistências que estão sendo prestadas a você e através de você. As alterações, para melhor, do teu campo mental terminam por influenciar aquele que está diretamente vinculado a você.

Posso me valer do exemplo da relação familiar para ilustrar o que digo. Quando uma postura é sempre adequada por parte dos pais, isso cria laços de influência benéfica nos filhos, os quais, conforme sabemos, são espíritos com históricos

muitas vezes bastante complicados de uns e superados de outros. Naqueles que, por vezes, trazem antagonismos os mais variados, a educação continuada, tendo exemplos do que se procura ensinar, influenciarão de tal forma o filho equivocado que muitas das suas tendências desagradáveis poderão pura e simplesmente desaparecer ou ser diminuídas. Ao mesmo tempo, as virtudes em exercício terão o seu devido estímulo.

– Faz todo sentido, Dorival...

– Além disso, a manutenção das energias em franco desequilíbrio pela ilusão da vingança, as quais são mantidas pelo nosso irmão, também acabam auxiliando no processo de renovação, uma vez que elas são completamente contrárias ao que deve vibrar em nós. Sendo mais objetivo, somos luz em franco progresso, através das experiências evolutivas. Mas, quando estamos na contramão da nossa realidade, nos desgastamos em tal intensidade que, em determinado momento, a nossa própria natureza clama por aquilo que de fato somos.

Pietro, você pode imaginar o que é se manter mentalmente no passado, ou seja, vivenciando as realidades do século XIII? São sete séculos de vivência real no passado, porque o tempo, para aquele que odeia, literalmente não passa, dentro dessa medida de tempo que adotamos e que chamamos de nosso. Exatamente por isso é que Jesus nos concitava ao perdão das ofensas e à prece para aqueles que nos caluniam e perseguem. Perdão é libertação da alma, o caminho que faz com que não desperdicemos o tempo sagrado que nos é dado pela bondade do Criador. Bem, mas vejo que criei praticamente um monólogo e não um diálogo. Desculpe-me, meu caro...

– Absolutamente, Dorival! Preciso muito das tuas orientações, pois, apesar de me dedicar ao estudo continuado, estou diante de novidades diferentes a cada dia.

– Está certo, Pietro. Então me diga: o que mais você sentiu desse nosso irmão?

– Que ele falseava quando se referiu aos meus dois filhos desencarnados. Ele fala de tê-los como prisioneiros, quando eu recebi a informação de um amigo espiritual, conforme comentei anteriormente contigo, este que se identificou como José, dizendo-me que os meus dois garotos estão sendo assistidos numa instituição conveniente na dimensão paralela. Qual a tua percepção deste caso, Dorival?

– Que é natural que seja assim, meu caro. Aliás, uma das armas utilizadas pelos nossos equivocados irmãos, quando se trata de “justiça”, é criar referências confusas, sempre no sentido do desgaste daquele que é alvo dos seus procedimentos vingativos.

Ora, qual o pai ou a mãe que não vai se condoer com a notícia de que um ou mais dos seus filhos estão sob o guante do sofrimento, seja ele de que maneira for? Não temos inúmeros exemplos, muitas vezes acontecendo conosco mesmo, de sentirmos, na forma de aviso, tal como uma intuição ou inspiração, o estado de desequilíbrio em que se encontra qualquer um dos nossos entes queridos? Quantas vezes procuramos saber como eles estão através de uma ligação telefônica, em virtude da distância física em que nos encontramos, e somos surpreendidos com uma enfermidade ou algum mal-estar que estão passando, além de pequenos acidentes ou coisas semelhantes? Aliás, isso acontece não somente em casos de tristeza, mas também nos de alegrias as mais diversas, até porque, se fizemos um balanço, temos mais situações felizes do que infelizes numa existência.

Mas elas muitas vezes não são devidamente valorizadas, como, por exemplo, a bênção da visão, da audição, da palavra, da família e da saúde, de uma maneira geral, além da possibilidade de uma vida intensa no trabalho em nosso favor e em benefício do nosso semelhante, sobretudo quando sabemos que aquilo que fazemos para o nosso próximo, o fazemos para nós mesmos. Isso nos mostra, na verdade, prova mesmo, que estamos ligados pelos fios invisíveis do pensamento, emitindo e recebendo sentimentos e emoções em tempo integral. Por isso o ensinamento do Cristo se repete para todos nós, no sentido de vigiar e orar com regularidade.

– Muito para refletir, não, Dorival? Gostaria que você soubesse que sou muito grato pelo teu tempo...

– Ora, Pietro, o que é o tempo senão a bênção do Senhor, principalmente quando se trata da nossa evolução?

Por mais que eu quisesse dar continuidade àquelas proveitosas lições que recebia com simplicidade e clareza, sabia que o Dorival tinha compromissos os mais diversos. Então, agradecido que me encontrava, despedi-me dele pedindo ao Senhor que nos abençoasse.

Ele, sempre muito gentil e solícito, respondeu:

– Estou aqui sempre que precisar, Pietro, porque, no fim, conforme sabemos há muito tempo, aquele que acha que está ensinando é o que mais aprende. Continue em paz, mantendo a ligação mental com o bem através da prece e do serviço de autoburilamento!

## CAPÍTULO XXVI

## SABER ESPERAR

As semanas passavam rapidamente, por conta do meu trabalho regular aliado ao serviço voluntário e às assistências das quais eu participava com regularidade.

Notei que a minha dependência de medicamentos foi se alterando, reduzindo gradativamente até que o facultativo julgou por bem suspendê-la, o que me causou imensa alegria. Esta, porém, seria ultrapassada em breve por uma notícia das mais abençoadas que eu poderia receber.

Um telefonema da clínica psiquiátrica em que as minhas filhas se encontravam internadas reuniu-me com a Isabel. Jubilosa tal como eu me encontrava, nos dirigimos para lá para recebermos a confirmação da melhoria súbita das garotas apresentada na última semana. Tal fato, segundo as informações dos responsáveis pela instituição, era atribuído à terapia medicamentosa e às sessões de análise. Contudo, algo no meu íntimo dizia que as assistências espirituais as quais eu era semanalmente submetido é que haviam de fato auxiliado nas questões relacionadas à subjugação das meninas.

Conforme as informações prestadas pelo facultativo responsável, a alta das garotas deveria ocorrer em breve, uma quinzena no máximo. O tratamento, obviamente, deveria continuar, porém, no conforto do lar.

Esse detalhe importante abriu uma brecha considerável para que eu submetesse à Isabel a minha proposta de retomar o nosso relacionamento. E eis que isso pareceu ser bem acolhido pela minha estimada esposa, tão logo pudemos falar a respeito no final daquele mesmo dia. Exultei de alegria! Pelo menos ela, agora, considerava o meu pedido para reatarmos, dizendo que meditaria a respeito nos próximos dias.

Por oportuno, durante a nossa conversa, teci considerações a respeito do trabalho assistencial e voluntário que eu estava fazendo, além das revisões importantes quanto à minha concepção de vida e dos valores que passaram a me nortear; também lhe expliquei o porquê das decisões que havia tomado. Confessei-lhe que os meus conceitos materialistas, baseados no ser mecânico, envolvidos num

ateísmo exacerbado, haviam caído por terra diante de provas irrecusáveis da continuidade da vida, da comunicabilidade entre pessoas de planos existenciais diferentes, da reencarnação e seus objetivos quanto às experiências tanto no planeta quanto fora dele.

A minha reforma interior, segundo explanei, estava longe de acontecer, mas a minha decisão, em relação aos objetivos de uma vida voltada exclusivamente para mim e para aqueles que se relacionavam comigo enquanto membros da família, havia sido alterada substancialmente. Eu entendia, agora, que a sociedade como um todo, a humanidade, enfim, fazia parte desses valores superiores, dada a força da própria filiação que nos reunia como irmãos em Deus.

Pensando assim e diante das decisões tomadas, apresentei à Isabel uma proposta não apenas de reatamento, mas também de acrescentarmos outro ser na nossa vida. Acenava-lhe, pois, com a possibilidade de adotarmos uma criança, aquela com a qual eu havia mais me afinado desde o primeiro contato. Tratava-se da menina afrodescendente, a minha querida Lourdes.

Percebi, achando inclusive natural, que a postura da Isabel foi, a princípio, de certa desconfiança de tudo que fora enumerado por mim. Logicamente, o benefício da dúvida era do seu direito, cabendo a mim conter a ansiedade, sabendo aguardar pacientemente o seu veredicto. Aliás, paciência era algo de que eu não poderia reclamar, tamanha a quantidade de exercícios que a vida me propunha em relação a ela, e isso com grande regularidade.

## CAPÍTULO XXVII

## MOMENTOS ILUMINADOS

Finalmente chegou o dia tão esperado da alta das minhas filhas. Uma hora antes de me dirigir à clínica, recebi um telefonema da Isabel e, com ele, a notícia do seu retorno ao nosso convívio. Tivera ela uma conversa demorada com os meus sogros, os quais interferiram positivamente sobre a questão, indicando-lhe a continuidade da família, segundo eles, destroçada até aquele momento.

Vivenciando, pois, essa notícia, dirigi-me à clínica na companhia do Dorival e da Margarida. Lá, nos encontramos com a minha esposa e os meus sogros, os quais, aliás, sempre me trataram como um membro de sua família, na condição verdadeira de um filho, uma vez que a Isabel era filha única e os meus pais tinham desencarnado quando eu era jovem, vitimados por um acidente aéreo.

Naquele momento, a sensação que tinha era a de que, dentro do possível, tudo transpirava felicidade e realizações na família, apesar da partida prematura dos meus filhos. Mas eis que as orientações prestadas pelo facultativo responsável pela clínica não foram das mais alvissareiras em relação à saúde das meninas.

De acordo com o médico, embora a terapia medicamentosa tivesse sido razoavelmente reduzida e o acompanhamento psicoterápico não sofrer solução de continuidade, aquele brilhantismo, a alta capacidade cognitiva que as garotas demonstravam até o início do processo de subjugação poderiam não mais apresentar a mesma intensidade, apesar de tudo isso ainda estar no terreno das conjecturas.

Obviamente, as explicações baseavam-se no que era conhecido pela ciência oficial do momento, sendo restritas aos aspectos fisiológicos do ser. Para além disso, conforme agora eu entendia baseado no aprofundamento dos estudos sobre a espiritualidade, o que de fato ocorria é que o cérebro no corpo astral das meninas tinha sofrido ataques de alta agressividade pelos obsessores. Esses, em caráter de rotina, certamente resultaram no fato de que, agora, as expressões no cérebro físico delas seriam lamentavelmente prejudicadas.

Enfim, dada essa compreensão nova que eu possuía, conseguia perceber que o

que importava, de fato, apesar da preocupação em relação aos quesitos apontados pelo médico concernente às meninas, era a reunião da nossa família outra vez, pelo menos o que tinha sobrado dela. Apesar de tudo, a felicidade que nos proporciona o fato de podermos ter um lar reconstruído completamente pelo amor, por maiores os problemas que possamos administrar, já é, sem dúvida alguma, uma das maiores bênçãos que o Senhor reserva para os Seus filhos.

Assim é que os contatos iniciais com as nossas meninas se tornaram um tanto mais próximos, dada a redução da medicação a que estavam sendo submetidas até então. Mas, por paradoxal que seja, rapidamente notamos certa distância entre nós estabelecida por elas. Em determinados instantes, pareciam alienar-se completamente da nossa presença. De todo modo, isso não diminuía a felicidade daquela nova situação.

Ao chegarmos em casa, naquele dia em que retiramos as garotas da clínica, estando reunidos novamente debaixo do mesmo teto e tendo a companhia do casal amigo além dos meus sogros, a reação delas foi um tanto melhor. Da minha parte, posso dizer que experimentei uma das maiores emoções da vida, uma alegria que há muito tempo não me invadia o coração.

As comemorações foram todas iluminadas pelos corações irmanados no bem. Com efeito, a amizade reinante deu as notas claras de que a felicidade não se constrói baseada naquilo que se tem materialmente, mas sim no relacionamento de amor e respeito entre as criaturas. Isso eu estava comprovando ao vivo e em cores, apesar de alguns questionamentos circundarem a minha mente, todos eles relativos à situação delicada da saúde delas e às prováveis dificuldades que elas poderiam experimentar no futuro.

Ao cair da tarde, quando os meus sogros e o casal amigo se despediam, Dorival, como sempre perspicaz, disse-me:

– Não se preocupe em demasia! Tão logo possamos nos reunir, conversaremos um pouco mais a respeito das ocorrências possíveis, mas não obrigatoriamente certas, da vida das tuas filhas na presente reencarnação. Mantenhamos a confiança no fato de que o Senhor nos atende sempre e de acordo com as nossas necessidades.

## CAPÍTULO XXVIII

## ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS

Passados, então, dois dias, voltei ao meu serviço voluntário junto à instituição presidida pela Margarida. Ao término das nossas atividades, estendi os meus questionamentos ao Dorival relativos à saúde das minhas duas filhas. O que mais me interessava dizia respeito aos possíveis danos no cérebro das garotas causados pelo período em que estiveram sob o processo de subjugação.

O Dorival, com a tranquilidade costumeira e sempre buscando informar consolando, iniciou os esclarecimentos:

– Vale lembrar, meu caro Pietro, que o Senhor nos atende, com a Sua sabedoria, em todas as nossas necessidades, conforme sabemos. Nesse sentido, alguns aspectos da existência atual podem se mostrar contrários aos nossos interesses mais diretos. Com efeito, nem sempre somos socorridos naquilo que queremos, mas sim no que realmente é necessário para nós. Se agimos com bom senso diante das solicitações dos nossos filhos, oferecendo o que é o melhor para eles e não necessariamente o que eles desejam, às vezes imaturamente, conseguimos dimensionar como será a atuação do nosso Criador em relação a nós.

– Entendo, Dorival, mas são só duas adolescentes, que podem ter a existência atual seriamente comprometida quando mal a iniciaram!

– Não diria seriamente, mas, conforme soubemos pelo facultativo, com algumas possíveis limitações quanto ao brilhantismo da inteligência. Nesse caso, cabe-nos aguardar com paciência, oração e assistência espiritual adequada, em paralelo à terapia psiquiátrica à qual, inclusive, elas continuam sendo submetidas.

Lembre-se que o processo obsessivo ainda não está de todo resolvido. Não podemos afirmar que os irmãos que nutrem aquele desafeto decidiram liberá-las ou mesmo liberar você, Pietro. Desse modo, sem termos uma posição exata sobre as últimas ocorrências, esse alívio que elas estão experimentando na saúde pode ser uma simples estratégia daquelas mentes, que se encontram em desalinho em virtude de um longo período em que literalmente remoeram a

vingança nos seus corações.

Por vezes, retiram-se provisoriamente, deixando o obsedado acreditar, erroneamente, que está liberado; mas eis que retornam os desequilíbrios. O mesmo se dá, por exemplo, em terapias médicas. Alguns enfermos, durante o período de tratamento, procuram disciplinar-se; mas, tão logo alcancem a tão desejada cura, retornam aos mesmo desajustes que os levaram à enfermidade. Assim, tenhamos cautela no presente momento, porque não podemos afirmar, com absoluta certeza, que os problemas relativos à obsessão, tão bem enfrentados por você, estejam na reta final; até porque a assistência espiritual procede nos dois grupos, atingindo não só eles, mas também você e a tua família como um todo.

Em relação aos prováveis danos cerebrais ocorridos por conta do prolongado período de subjugação do qual as gêmeas foram alvo, vale considerar que as evidências disso não foram encontradas nos exames regulares. Ainda são, portanto, uma opinião dos facultativos responsáveis pela terapia. De todo modo, a possibilidade existe e, lamentavelmente, ainda não conta com o amparo da ciência oficial, para a qual referências ligadas ao corpo astral ou perispírito, não são levadas em consideração, dado o desconhecimento da matéria.

Conforme sabemos, os sucessivos ataques do grupo obsessivo se materializaram diretamente no perispírito, podendo, sim, ser vincado no corpo físico em virtude da agressividade e da persistência com que as ações foram levadas a efeito. O corpo espiritual, sendo elemento causador, transfere os seus desajustes para o veículo físico; porém, isso não é, via de regra, detectado pelos mais sofisticados exames, porque o cérebro do corpo somático é aparelho de transmissão e não elemento gerador absoluto. Às vezes, as causas surgem e são detectáveis; mas, em outras ocasiões, surgem situações que nos surpreendem, por não ser registrado nenhum desajuste capaz de ser identificado fisicamente, conforme expliquei há pouco. Como ilustração do que é possível ocorrer, podemos pensar num aparelho sonoro. A caixa acústica pode estar em perfeito estado de conservação; contudo, se a sintonia entre ela e o aparelho emissor encontrar-se prejudicada, seja pelo cabeamento ou por outro tipo de desarranjo nesse circuito, a fidelidade da transmissão ficará comprometida.

A nossa posição frente ao quadro em questão é, pois, a do técnico, que tenta encontrar o problema para solucioná-lo, senão integralmente, pelo menos em parte. Isso equivale, no nosso caso, a continuar as assistências propostas, em

serviço de parceria com os mentores amigos. Somente assim é que conseguiremos solucionar ou minimizar os desafios que se apresentam. Creio, portanto, ser ainda muito cedo para qualquer outro veredito, uma vez que estamos em pleno atendimento. Aguardemos confiantes na misericórdia do Senhor, Pietro!

Dorival sabia como ninguém enfrentar a verdade dos fatos sem perder a confiança e o equilíbrio. De fato, mesmo à frente de intrincados problemas, ele literalmente transpirava confiança na divindade, muito conhecimento e, acima de qualquer coisa, humildade.

Para mim, ele se transformara não apenas num amigo presente, mas também num mentor digno de todo o meu respeito. Eu não tinha por ele, sinceramente, qualquer sombra de fascínio, pois sabia que tanto ele quanto eu estávamos em franco processo de evolução. Por isso, imperava o fato de que éramos seres humanos passíveis de falhas, pelo desconhecimento que ainda se fazia frequente.

## CAPÍTULO XXIX

## A SUSTENTAÇÃO PELA PRECE

Era muito provável que o Dorival estivesse coberto de razão quando avaliou uma possível trégua em andamento por parte dos obsessores. Era de fato sensível a melhora apresentada no equilíbrio das minhas filhas; outros detalhes da nossa vida em família também transcorriam na mais perfeita ordem. Para tanto, obviamente estendemos a assistência espiritual direta à Isabel e às duas meninas, que participavam, agora, das sessões fluidoterápicas. Isso, aliado à terapia médica convencional, apresentavam maravilhas!

Era nítida a nossa percepção de que a medicação utilizada pelas meninas era exponenciada a cada sessão assistencial à qual nos submetíamos. A partir das tantas explicações do Dorival, reforçando as minhas leituras, fui compreendendo, pois, que as ações magnéticas impetradas no perispírito e que, gradativamente, agiam no duplo etérico eram transferidas posteriormente para o corpo físico num verdadeiro processo de transfusão energética de um corpo para o outro.

Esses novos conhecimentos acabaram por seduzir a Isabel, que passou a estudar comigo e, por consequência, a estimular essas novas concepções junto às nossas filhas. Em pouco tempo ela também passou a integrar as atividades voluntárias. Dias depois, estávamos providenciando a documentação que dava início aos procedimentos de adoção da nossa querida Lourdes, pela qual, aliás, a minha esposa estava completamente encantada.

Mas, diante de tantos momentos de alegrias vivenciados de maneira simples, porém, gratificantes para nós, que reconstruíamos a nossa existência, eis que o ressurgimento do chefe da falange que nos obsidiava não se fez por esperar.

Uma noite, em que nos recolhemos mais tarde do que o de costume, ao final de uma reunião de estudos que havíamos realizado em casa na companhia do Dorival e da Margarida, eu me vi conscientemente desdobrado da organização fisiológica. Com total naturalidade, conseguia divisar o meu corpo, que repousava no leito junto à minha esposa. Diante de mim, a figura, agora um tanto abatida, do mencionado comandante.

Algo havia sido substancialmente alterado, já que o seu semblante demonstrava certa redução energética. Em alguns instantes, seu olhar vagueava como se um tipo de alienação se operasse nele. Procurou se recompor diante de mim, falando menos encolerizado que das outras vezes:

– Não sei qual o tipo de sortilégios que você e essa turma de carolas igrejeiros vêm empregando contra mim e a minha equipe, mas posso lhe garantir que as baixas e os danos que você consegue nos impor temporariamente não serão suficientes para alterar os nossos propósitos de justiça junto a você e seus dois comparsas travestidos de meninas.

Diante da ameaça, recorri imediatamente à prece, solicitando a Jesus que algum dos seus iluminados missionários me inspirasse as palavras, para que eu não viesse a cometer algum deslize pondo tudo a perder. Esta era, certamente, uma oportunidade que se oferecia a mim de amenizar aquele problema tão delicado com o qual eu e as meninas estávamos envolvidos há tanto tempo.

Então, uma confiança sem igual me envolveu de repente. Enquanto mentalmente eu orava, parecia que luzes do alto, numa cor safirina, nos envolvia. Com profundo respeito, respondi:

– Não estamos praticando coisa alguma que vise ao teu prejuízo ou ao dos teus correligionários, os quais são como você: nossos irmãos diante do Criador. O único objetivo que nos move é o da reconciliação através do exercício do perdão incondicional, lastreado, também, na constante busca da prática do amor que o Cristo nos ensinou. Posso lhe garantir que esses danos aos quais você se refere são, na realidade, o esgotamento energético que ocorre de forma gradativa em vocês. Isso, por sua vez, tem origem nos propósitos que vocês carregam, todos eles contrários à tua, e por que não dizer, à nossa natureza, que é divina, por sermos herdeiros diretos do Pai.

As mencionadas baixas ocorridas no teu grupo provam o que estou dizendo, uma vez que esses nossos irmãos se esgotaram com o sofrimento que impõe para si mesmos, agindo, como já disse, de forma contrária às suas naturezas. A questão, pois, é simples: não fomos criados para odiar, mas sim para amar! E essa chama potencial do amor encontra-se ínsita em nós. Assim, enquanto resistirmos a tal realidade, o atrito se fará regular, causando-nos desconfortos, os quais se apresentam de maneira sutil, porém, constantes.

O meu interlocutor demonstrava certa irritação com as minhas palavras; contudo, eu percebia que aquela sua postura não era real. Havia, de fato, uma alteração energética entre ela e o que provinha do seu campo mental, porque, subitamente, ele se virou para mim e disse de forma áspera:

– Vá para o inferno com as tuas palavras doces! Elas não me convencem depois de tudo o que você me fez. O perdão é algo simplesmente impossível! Se estou desgraçado diante da vida, saiba que não desistirei de dividir a minha dor com você, genocida canalha!

Encerrou e retirou-se apressadamente do ambiente, dando-me as costas de modo a demonstrar todo o seu desprezo.

Ao contrário do que era costumeiro em mim em relação ao receio, desta vez retornei à prece, pedindo que o Senhor nos auxiliasse no exercício do perdão, dele para comigo e de mim para com todos aqueles que eu tinha prejudicado direta ou indiretamente, já que muitos poderiam ter sido prejudicados em meu nome sem que eu tivesse a real responsabilidade do fato.

Orei de fato emocionado, solicitando forças para não esmorecer diante da prova. Despertei, em seguida, no meu leito, tendo o rosto coberto de lágrimas pela emoção.

## CAPÍTULO XXX

## AS BÊNÇÃOS DO TEMPO

“O tempo não só cura, mas também reconcilia”, diz uma frase de Victor Marie Hugo, o poeta, romancista e dramaturgo francês. Ela expressa, justamente, a realidade que passamos, eu e a Isabel, a vivenciar com a adoção da Lourdes e sua vinda definitiva para o nosso lar. Isso encheu de graça e beleza a vida de todos nós, que nos encontrávamos na condição de recomeço.

Por sua vez, por mais incrível que possa parecer, o quadro de esquizofrenia hebefrênica (ou desorganizada) das meninas apresentou súbita melhora, surpreendendo, inclusive, o facultativo responsável pela terapia que lhes assistia. Conversando com o Dorival a respeito, disse-lhe que, “coincidência” ou não, foi desde a chegada da Lourdes ao nosso lar que essas alterações passaram a ocorrer.

O amigo, sempre discreto, após alguns instantes de reflexão, no que me pareceu estar consultando algum amigo de outra dimensão, informou:

– Pietro, a sabedoria divina nos atende nas mais variadas circunstâncias e através de recursos que muitas vezes nos parecem inimagináveis. Recordando Jesus, Ele não prescindiu da diminuta quantidade de pães e de peixes para alimentar a multidão faminta que tinha caminhado quilômetros para ouvir os Seus ensinamentos e ser não apenas curada de suas enfermidades corpóreas, mas também receber do Mestre a medicina preventiva, que foi e sempre será a educação do espírito imortal.

Sabemos, pois, que o Senhor atende a criatura através da criatura; logo, é possível que tenhamos à nossa frente alguém de importância capital nesse círculo de ignorância sustentado por equivocados irmãos, cujos conceitos são lastreados na ideia de fazer justiça com as próprias mãos. Aguardemos pacientemente, para que, se necessário for, sejamos contemplados com um volume maior de informações a respeito. Enquanto isso, meu amigo, continuemos estudando, recorrendo à prece e à assistência espiritual. Acima de qualquer coisa, vamos servir, porque o trabalho em favor do semelhante sempre será o sustentáculo da criatura que se conscientiza da sua filiação divina e conseqüente relação de irmandade perante toda a humanidade.

Fazia-me um bem enorme conversar com o amigo Dorival. Ele sempre sabia medir as palavras expressando-se de forma simples e objetiva, sem as empolgações de primeira hora; antes, transmitindo sua confiança inabalável em Deus.

Não demorou para que a constatação daquilo que o Dorival tinha dito viesse a ocorrer. Alguns dias depois, novamente me senti desdobrado do meu invólucro físico, mantendo um nível consciencial absoluto. Naquela noite, de maneira especial, porque divisei com facilidade a figura de José, e constatei que ele se dirigia a mim dizendo em seu tom paternal:

– Meu caro Pietro, alterações significativas das situações estão sendo alcançadas por conta da tua firmeza de caráter envolvendo a reformulação de propósitos na existência atual. Com efeito, aquele que utiliza a sua inteligência na prática do bem constrói, no hoje, um mundo melhor para si e para aqueles ao seu redor, investimento este que será refletido no futuro, constituindo-se de pura luminosidade.

Observadores atentos estão acompanhando os teus passos. Posso lhe garantir que eles estão surpresos não somente com a tua perseverança, mas também com as influências benéficas causadas por você através do exemplo, esse fator que fala mais alto que qualquer palavra. As influências atingem tanto a Isabel quanto as tuas duas filhas, cuja melhoria vem sendo gradativamente constatada por você.

Não digo isso no intuito de estimular qualquer ponta de vaidade em você, mas sim estimulando-o à continuidade da luta em favor da tua evolução bem como daqueles que o cercam na presente jornada, estejam eles na dimensão em que se estiverem. Continue firme nos teus propósitos, meu filho, confiante sempre nas bênçãos do Senhor de nossas existências. Fique na paz do Nosso Pai!

Despertei uns instantes antes de o relógio tocar, sentindo que tinha recebido um verdadeiro banho de luz tamanha a felicidade que me envolvia e o estado renovado de ânimo que se apossava de mim. Isso fortalecia sobremaneira as minhas convicções na importância de o momento ser desfrutado na construção do bem, aproveitando ao máximo as bênçãos da presente reencarnação.

## CAPÍTULO XXXI

## SOMOS TODOS IRMÃOS

O aviso do meu amigo espiritual não tardou para se materializar. Passados alguns dias, exatamente na noite que reservávamos para o culto do Evangelho no Lar, com a participação da Isabel e das nossas três filhas, algo inusitado aconteceu.

Lourdes, apesar de ainda bebê, em determinados instantes dava mostras de que adentrava na sua personalidade anterior. Olhava-nos, então, tal qual um adulto, mantendo uma atenção que destoava daquela própria de um espírito que praticamente acabava de reencarnar.

Nessa noite, pois, em que nos recolhemos envoltos nas mais radiosas vibrações de paz e com esperanças redobradas, o tal comandante surgiu. Entrei em contato com ele através da clarividência e da clariaudiência, ambas muito bem definidas. Era, portanto, simplesmente impossível negar-lhe a presença, suprimindo qualquer dúvida de aquilo ser fruto de um processo anímico mediante os registros que eu mantinha no meu psiquismo em relação à sua figura.

Nesta oportunidade, ele me olhou de forma completamente desigual, mantendo, até, certo grau de complacência. Sendo firme, porém, em suas palavras, iniciou dizendo:

– Temos, tanto eu quanto alguns dos meus acompanhantes, observado a tua conduta no que se refere às alterações de propósitos que afetam não apenas a tua postura junto à família, mas também o trabalho desinteressado em favor de criaturas mais necessitadas. A princípio, achei que essa tua proposta de mudança não passava de uma brincadeira bem orquestrada, uma fuga real dos problemas, uma vez que a tua covardia não lhe permitiria chegar às portas do suicídio.

No entanto, sou forçado a admitir que as alterações promovidas em relação à valorização da vida, com o serviço voluntário, e os esforços empreendidos em favor da mudança de rumo, com o estudo continuado e as assistências com as quais você se envolveu, passaram, de fato, num curto espaço de tempo, a exercer influências diferenciadas no meu intento de justiça dirigido a você e aos demais

do teu grupo, esse que se constitui a tua família atual.

Não pense que essas minhas palavras representam um perdão, que eu não posso lhe dar. Mas estou desistindo dos meus planos, principalmente no que diz respeito às tuas duas filhas. Isso se dá por uma razão capital que supera o meu estado de ânimo de lhe aplicar justiça.

O fato é que a Lourdes se constitui a base, o ponto central que moveu a minha decisão de modificar o processo correcional que eu deveria continuar mantendo em relação a você. Ela é uma das criaturas mais importantes que eu conheci em todas as experiências que vivenciei até hoje.

Num passado remoto, tanto ela quanto eu, ao sermos abandonados pela nossa mãe, que não suportou a ausência do seu segundo marido, nosso padrasto, morto em combate numa das campanhas militares nas quais se envolvia com regularidade, foi ela, Lourdes, como minha irmã mais velha, que cuidou de mim como um verdadeiro filho. Apesar da sua pouca idade, assumiu para comigo o papel de mãe, na miserabilidade à qual procurávamos sobreviver.


Portanto, esse teu ato de amor em relação a uma criatura que tanto prezo torna-se um fator fundamental de alteração, a partir de agora, das minhas disposições. Conforme eu disse anteriormente, não consigo, de maneira alguma, lhe perdoar. De todo modo, suspendo, em definitivo, a minha contenda com você e com aqueles com os quais você se relaciona, estejam eles na tua dimensão ou na minha, como é o caso dos teus dois filhos. Sendo assim, receba o meu adeus!

Tentei mentalmente dizer-lhe algo, mas ele desapareceu tão depressa quanto havia surgido diante dos meus olhos perispirituais. Nesse ínterim, eu me encontrava banhado em lágrimas, tendo a certeza de que um dia nos encontraríamos novamente, sabe Deus de que maneira, talvez como irmãos ou como pai e filho ou qualquer outra relação. Nosso reencontro era certo, de todo modo, para solvermos as nossas pendências de forma harmônica, contando com as bênçãos do Senhor nesse processo de reconciliação.

Por ora, o mais importante é que um processo de vingança, lastreado em profundo ódio e alimentado durante praticamente sete séculos, estava ali, naquele instante, apresentando as suas primeiras pinceladas de perdão e de reconciliação. Tudo se dava através de um ato de amor, com profundo sacrifício daquela criaturinha abençoada, que decidiu vir ao mundo em condições de

miséria absoluta sendo, inclusive, abandonada às portas de um orfanato, para que, dessa maneira, se transformasse na minha, e por que não dizer, na nossa adorada Lourdes, a alavanca de Deus, que suspenderia tanto eu quanto o meu antigo desafeto do lodaçal de ódio e de descrença na bondade divina.

Então, eu confirmava e repetia para mim mesmo que o Senhor, de fato, se apresenta das formas mais inusitadas possíveis, auxiliando as Suas criaturas através de espíritos iluminados, que não se importam em se “sacrificar por amor”, porque já compreenderam que todos nós, sem qualquer exceção, somos irmãos.



Quantas vezes nos defrontamos com situações que verdadeiramente nos surpreendem? Nesta minha narrativa, exponho acontecimentos relacionados a fatos que ocorreram há aproximadamente sete séculos.

Que esse período que menciono não seja, para o leitor amigo, o ponto central de sua surpresa, posto que poderíamos nos perguntar: o que é o tempo? Como mensurar, diante dele, sentimentos e emoções? Estariam nossas existências marcadas indelevelmente por uma medida que convencionamos para gerir os nossos dias, meses e anos?

Espero, pois, sinceramente, que este singelo relato das minhas experiências possa lhe servir como um alerta quanto à construção dos nossos relacionamentos.

*Pietro*

SACRIFÍCIO  
*por*  
**amor**